

Semelhanças entre o Budismo e o Cristianismo – contribuições ecumênicas do Oriente para o Ocidente

Francisco Adalberto Alves Sobreira

Ceará, 2005

(Edição do Autor)

Licença:

```
<!--Creative Commons License--><a rel="license" href="
http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/></a><br/>Esta obra est&#225; licenciada sob uma <a rel="license"
href="http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/ ">Licen&#231;a Creative
Commons</a>.<!--/Creative Commons License--><!-- <rdf:RDF
xmlns="http://web.resource.org/cc/" xmlns:dc=" http://purl.org/dc/elements/1.1/"
xmlns:rdf="http://www.w3.org/1999/02/22-rdf-syntax-ns#">
  <Work rdf:about="">
    <license rdf:resource="
http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/" />
      <dc:title>Semelhanças entre o Budismo e o Cristianismo</dc:title>
      <dc:date>2006</dc:date>
      <dc:description>Monografia de conclusão do curso de licenciamento em
Ciências da Religião, pela UVA/ Ceará</dc:description>
      <dc:creator><Agent><dc:title>Adalberto
Sobreira</dc:title></Agent></dc:creator>
      <dc:rights><Agent><dc:title>Adalberto
Sobreira</dc:title></Agent></dc:rights>
      <dc:type rdf:resource=" http://purl.org/dc/dcmitype/Text" />
    </Work>
  <License rdf:about="
http://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/"><permits
rdf:resource="http://web.resource.org/cc/Reproduction"/><permits rdf:resource="
http://web.resource.org/cc/Distribution"/><requires
rdf:resource="http://web.resource.org/cc/Notice"/><requires rdf:resource="
http://web.resource.org/cc/Attribution"/><permits
rdf:resource="http://web.resource.org/cc/DerivativeWorks "/></License></rdf:RDF>
-->
```

UNIVERSIDADE DO VALE DO ACARAÚ - UVA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA DO NORDESTE – FAETEN
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SEMELHANÇAS ENTRE O BUDISMO E O CRISTIANISMO
Contribuições Ecumênicas do Oriente para o Ocidente

Francisco Adalberto Alves Sobreira

Maranguape/ CE

2005

Francisco Adalberto Alves Sobreira

SEMELHANÇAS ENTRE O BUDISMO E O CRISTIANISMO
Contribuições Ecumênicas do Oriente para o Ocidente

Monografia apresentada à Universidade do Vale do Acaraú – UVA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Ciências da Religião, sob a orientação da Prof^a. Gláucia Narciso.

Maranguape/ CE

2005

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha esposa, aos meus pais, e a todos aqueles que lutam pelo respeito entre as religiões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus de todas as religiões, por ter se expressado de formas tão diferentes para o bem da humanidade. Agradeço ainda ao apoio e co-orientação do Prof. Eduardo de Araújo Miranda.

“Não há absolutamente nada
que não seja mais fácil com o conhecimento.”

(Shantideva)

Sumário

Introdução	08
1. Origem e Correntes atuais	10
1.1 Cristianismo	10
1.2 Budismo	11
2. Semelhanças Históricas	14
2.1 As mães Imaculadas	14
2.2 As profecias após o nascimento	16
2.3 A busca dos predestinados	17
2.4 A prova das tentações	18
2.5 O preconceito no início da missão	20
2.6 Autoridade de Buda e Jesus em apresentarem-se como únicos	22
2.7 A disseminação do conhecimento	24
2.8 Iluminações	27
3. Semelhanças doutrinárias	30
3.1 O primeiro discurso	30
3.2 A síntese dos ensinamentos por eles mesmos	31
3.3 Os mandamentos	35
3.4 Como tratar os inimigos	36
3.5 A fé	38
3.6 A importância do esforço pessoal	39
3.7 Crítica à vaidade	43
3.8 Concepção de Deus	44
Conclusão	48
Glossário	50
Bibliografia	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o reflexo de quase cinco anos de estudos e reflexões acerca do enigma da inexistência de diferenças entre as religiões, realizado através de pesquisa bibliográfica comparada.

A principal diferença, e talvez única que exista entre as religiões, é que cada religião guarda uma determinada “tecnologia espiritual” que poderia complementar e ajudar suas irmãs a se desenvolverem espiritualmente, quando vistas com olhos ecumênicos.

Traçamos as principais semelhanças entre o Budismo e o Cristianismo, atendo-se mais à corrente Cristã do Catolicismo Romano, e à corrente Budista Tibetana.

A bibliografia selecionada teve como fundamentos principais a Bíblia Sagrada, em especial o Livro de Mateus; o livro “O Evangelho de Buda”, do monge Swami Kharishnanda (1998); a obra “Religiões da Humanidade”, do Padre Waldomiro Piazza (1991); e “O Despertar do Buda Interior” do *Lama* ocidental Surya Das (2001). Os termos sublinhados constam no glossário ao final da obra.

Este trabalho pretende quebrar muitas barreiras e dogmas, mostrando visões de certa forma polêmicas, quando destroça o mito do ateísmo Budista. Ateísmo seria a negação ou a omissão em falar sobre Deus? Como o Budismo é então uma religião? Existem Divindades no Budismo?

O trabalho foi dividido em três capítulos, mostrando no Capítulo I a Origem de cada religião separadamente e suas linhas de atuação na atualidade;

O Capítulo II dá um esboço nas semelhanças de fatos históricos entre as duas religiões, penetrando ainda no campo da Devoção a Maria e ao Buda Feminino, nas Mortificações e no Proselitismo. Uma análise sobre o sincretismo é explanada especialmente sobre o ponto de vista oriental, com suas vantagens e conseqüências co-relacionadas.

No Capítulo III apresentamos as semelhanças doutrinárias, procurando intermediar o

“fosso” entre o esforço para Iluminação Oriental e Graça Divina do Ocidente. O Budismo centra todos os esforços espirituais no esforço humano, enquanto no Cristianismo é enfatizada a fé como suficiente para a graça Divina. Como conciliar e encontrar semelhanças entre estes dois pontos opostos? Este é mais um quesito a ser analisado e debatido. Debateremos ainda sobre a complexa Doutrina do *Vazio*, sua relação com a vida cotidiana, prática religiosa e a Negação de Si mesmo; a Fé e as Divindades Budistas .

Esta monografia tem ainda como objetivo esclarecer o Catecismo budista a partir do ponto de vista de um ocidental que tem tradição familiar no Cristianismo, mas que tem estudado o Budismo Tibetano, Budismo Zen, o Hinduísmo reformado de Sri Ramakrishna e os Movimentos Gnósticos contemporâneos, como forma de lançar bases educativas para o corpo docente e discente da área de Ciências da Religião, que precisam romper as amarras que os prendem aos conceitos dogmáticos do Ocidente e do Cristianismo em especial, a ponto de considerar as Escrituras Sagradas e Deus unicamente em sua tradição religiosa, excluindo as restantes como outrora no período medieval. Nosso tempo não é mais um tempo de dominação, mas um tempo de ênfase no resgate da paz entre os povos. E enquanto houver os preconceitos, inclusive religiosos, jamais o mundo poderá viver em paz.

A grande tentativa desse trabalho foi explorar de forma filosófica e antropológica os fundamentos, semelhanças e contribuições das duas culturas. Acima das diferenças de linguagem, épocas, costumes, história, influências sociais e econômicas, procurou-se penetrar na essência das religiões, no real sentido e resultado que servem a cada ser humano que pratica e se aprofunda sinceramente em sua tradição.

Ao final do estudo, cada um poderá tirar suas próprias conclusões: são o Budismo e o Cristianismo irmãs gêmeas? É possível o Ocidente aprender com a espiritualidade Oriental? É possível aprendermos espiritualidade em outras religiões sem abalar a fé?

Não há intenção alguma em se pôr ponto final a estas questões, mas de gerar idéias novas, palpitantes e férteis, que aproximem não simplesmente as culturas, mas principalmente os povos.

1. ORIGEM E CORRENTES ATUAIS

1.1 Cristianismo

O Cristianismo tem início em meados do Século I com Jesus Cristo, absorvendo e reformando o Judaísmo da época.

Perseguido por ser considerado blasfemo ao se anunciar como filho de Deus, Jesus é preso e morto na cruz. Após 03 dias ressuscita, e encarrega seus discípulos de difundirem seus ensinamentos. Seu grande organizador é o apóstolo tardio Paulo.

Os Cristãos são perseguidos até o ano 313 d.C., quando o imperador romano Constantino lhe concede liberdade de culto. Em 392 d.C. torna-se a religião oficial do império, e no fim da Idade Média se expande para a América e Ásia. No século XIX chega a África (ALMANAQUE, 2004, p.126-127).

Divide-se principalmente em três ramos: Catolicismo, Ortodoxos e Protestantes.

Catolicismo: Católico deriva do grego, e quer dizer Universal. Tem rígida hierarquia centrada no Papa em Roma, e suas principais características são a canonização de seus mártires, considerados intermediários entre Deus e os homens; a devoção a Maria, considerada intermediária entre os Cristãos e Jesus, seu filho; e as missas. A expansão do Catolicismo associa-se com a expansão do império romano. Em 1960 surge dentro do Catolicismo a corrente chamada Renovação Carismática, que introduz técnicas de manifestação e cura do Espírito Santo. No mesmo ano surge o movimento da Teologia da Libertação, principalmente na América Latina, com o emprego de teorias marxistas para defender a justiça social e a opção pelos pobres. (ALMANAQUE, 2004, p.127-128).

Ortodoxos: Surgiu em 1054 quando o Império Bizantino rejeitou a hierarquia da

Igreja de Roma. Veneram santos, utilizam os mesmos rituais, mas rejeitam a infalibilidade papal, o purgatório (lugar intermediário entre o céu e o inferno) e a doutrina da Imaculada Conceição, na qual Maria teria nascido sem pecado, concebido virgem e ascendida aos céus em vida. Aceita o casamento dos padres.

Possui quatro sedes: Jerusalém, Alexandria, Antioquia e Constantinopla (ALMANAQUE, 2004, p.129).

Protestantismo: Oriunda da Reforma Protestante da Europa no século XVI, onde se abolem os cultos às imagens, aos santos e à Virgem Maria; suspende-se o celibato dos padres e o uso do latim nas liturgias. Divide-se ainda em Protestantismo Histórico, Pentecostais e Neopentecostais.

O *Protestantismo histórico* abrange as Igrejas surgidas com a Reforma, que são a Luterana, Presbiteriana, Batista e Metodista.

Os *Pentecostais* surgem em 1906, em Chicago, E.U.A, em um movimento denominado “Santidade”, através da crença no poder do Espírito Santo para curar e garantir a santificação. Atenção especial para a técnica chamada “glossolalia”, que é o dom de falar línguas desconhecidas. Incluem-se centenas de Igrejas, tais como Assembléia de Deus e Deus é Amor.

O *Neopentecostalismo* é formado por grupos autônomos saídos do Pentecostalismo, que extrapolaram as tradições deste grupo, tais como o forte tom emotivo dos cultos, forte presença na mídia, expulsões de demônios seguidos de conversão, e felicidade em vida através de doações à Igreja. Destacam-se as Igrejas Universal do Reino de Deus e a Sara Nossa Terra.

Há ainda grupos saídos do Protestantismo que se apóiam em outras doutrinas ou revelações externas à Bíblia. São as Igrejas dos Mórmons, Adventistas e Testemunhas de Jeová (ALMANAQUE, 2004, p.129-133).

1.2 Budismo

O Budismo nasceu no Século VI a.C. na Índia, com o príncipe Sidarta Gautama, que após passar uma vida de luxos afastado de qualquer ato que pudesse mostrar sofrimento, muda radicalmente ao ver um doente, um velho e um cadáver, abandonando seu palácio para encontrar a Verdade. Depois de pesadas mortificações, vê que o importante é o equilíbrio em sua vida, senta-se para meditar, vence o demônio dos desejos e se Ilumina, reformando a

religião predominante, o Hinduísmo, para abrir a espiritualidade a todas as pessoas. Morre aos 80 anos.

Em 253 a.C. o budismo propaga-se por vários países sobre o cetro do rei indiano Ashoka, que após longas batalhas imperialistas para ampliação do seu reino, arrepende-se da matança e converte-se ao Budismo, devido o exemplo compassivo de sua esposa.

No século I, desenvolvem-se os conceitos *Mahayanas* (Grande Veículo), em contestação aos monges que reservavam unicamente para si a condição de devotos, designando que a Iluminação seria conseguida mais rapidamente com o sacrifício pelo outro, ao invés de enclausurar-se do mundo. Isso propaga rapidamente o Budismo entre os leigos, assemelhando-o muito ao Cristianismo, mas é freado no século VII, após a invasão muçulmana na Índia.

No Século VII, ao adentrar nas fronteiras do Tibet, o budismo mescla-se com a religião local chamada de *Bon*, e adota os ritos mágicos, a devoção e até alguns Deuses Hindus. Este Budismo foi chamada de corrente *Vajrayana* (Veículo de Diamante).

A religião Budista é altamente sincretista, pois Buda não é considerado um Deus, permitindo assim seus seguidores conviverem com outras religiões (ALMANAQUE, 2004, p.134).

Suas correntes de pensamento são basicamente as linhas Theravada, Tibetana e Zen.

A corrente Budista **Theravada** são os ortodoxos do Budismo, que enfatizam a vida monástica e seguem fielmente suas escrituras sem aceitar nenhuma alteração. É comum na Tailândia, Ceilão, Sri Lanka e todo o sudeste asiático (DHARMANET, 2005).

A corrente **Tibetana** teve sua origem no Tibet no século VII d.C., com a vinda do Mestre Indiano de nome Padmasambhava, e enfatizam a devoção aos Mestres chamados de *Lamas*, e rituais mágicos advindos da religião primitiva do Tibet. Padmasambhava era dotado de muitos poderes, e as tradições tibetanas asseguram que ele era um “não nascido”, ou seja, não nascido de um ventre, pois ele simplesmente surgiu.

O Budismo tibetano divide-se ainda em quatro grandes escolas, das quais o *Dalai Lama* é o chefe espiritual de uma, além de ser o chefe político da nação tibetana, invadida pela China em 1959.

Todas as correntes tibetanas praticam as técnicas tântricas, que são métodos de meditação dotados de grande poder, oriundos da região da Caxemira na Índia, que podem incluir práticas de união sexual (SAMUEL, 1997, p.103). Por isso, alguns Mestres Tibetanos são casados. O Budismo Tibetano disseminou-se também no Nepal, Mongólia e quase toda a

região próxima ao Himalaia.

A corrente **Zen** foi muito difundida na China, Coréia, Vietnam e Japão, e enfatiza a intuição e a meditação, sem dar grande esboço às teorias (PIAZZA, 1991, p.278-322). Difundiu-se muito no Japão, a ponto de se confundir com o próprio povo japonês, pois sincretizou as correntes tradicionais, como o Xintoísmo e o Confucionismo, aliando-se ao governo quando este favorecia o povo (PIAZZA, 1991, p.321-332). Sua técnica revolucionária prega a aniquilação da lógica mental, deixando a mente em seu estado natural, seja através de meditações com perguntas sem respostas, chamadas de *Koans*, seja através do *Zazen*, que é uma meditação que visa estender o espaço de tempo existente entre cada pensamento, o chamado não-pensar.

2. SEMELHANÇAS HISTÓRICAS

Seria o Cristianismo um Budismo simplificado?

A complexidade da filosofia do Budismo, e a extrema simplicidade prática e emocional de Jesus, podem aparentar um grande fosso entre ambas. O próprio Buda reconheceu logo após sua iluminação que o conhecimento adquirido seria muito difícil de ser entendido, chegando até mesmo a pensar em não divulgá-lo para ninguém.

Mas nas suas práxis podem ser detectadas numerosas semelhanças, tanto históricas quanto doutrinárias.

Iniciaremos analisando as semelhanças históricas de vários eventos ocorridos entre Eles, e os familiares e discípulos com os quais conviviam.

2.1 As mães Imaculadas

Os nascimentos de Buda e Cristos guardam semelhanças entre a santidade de suas mães e seu sangue real, como que justificando uma genética espiritual em botão desenvolvido até o ponto máximo por seus filhos pré-destinados.

Buda nasce de uma Rainha, que imaculada e pura de desejos, de nome Mayadevi (KHARISHNANDA, 1998, p. 23-25).

Jesus nasce de Maria, a virgem imaculada, cujo esposo possui uma descendência real oriunda do Rei Davi (Mt 1,1-25). Com o passar dos tempos, Maria foi adorada como a consoladora, a protetora, a negociante das recompensas e alívio dos castigos, sendo uma das Santas de máxima adoração dentro do catolicismo.

No entanto, enquanto Maria é santificada por ser a Mãe Imaculada do Salvador, não acontece o mesmo com a mãe de Buda, Mayadevi.

Mayadevi com todas suas virtudes, após a morte de seu esposo, abandona seu palácio, converte-se ao Budismo juntamente com seu neto e nora, a família constituída por Buda antes

de abandonar o palácio, e todos se tornam monjes. Mas o Budismo sente a necessidade do acalento de uma Divindade feminina, e só doze séculos após, com a introdução do Budismo no Tibet, é que passam a adorar uma Divindade oriunda da Índia, a *Arhat* conhecida pelo nome de Tara.

O Budismo tibetano, embora seja uma religião dominada pelos homens, já que a grande maioria dos seus líderes *Lamas* é masculina, possui uma grande devoção por Tara, considerada a protetora do Tibet (DAS, 2001, p.264). Semelhante também com as protetoras ou “padroeiras” dos estados e municípios do Brasil, as “Nossas Senhoras”.

Tara é um ser que se sacrifica para proteger e liberar todos os seres. Sua história indica um combate ao machismo, à crença ilusória da superioridade masculina, tal como houve no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Em um tempo que se perde no espaço, Tara meditava e irradiava muita energia, quando foi avistada por alguns monges que ao vê-la exclamaram: “Grande meditadora, fazemos voto que na próxima encarnação você possa nascer como homem!”. Tara respondeu: “Meu desejo é que enquanto haja seres sofrendo, eu possa renascer com o corpo feminino. Estes são meus votos.” Tara deu a lição que o caminho da liberação não está limitado ao sexo masculino (TARANATHA, 2005). A devoção a Deusa Tara emocionou e entrou como um raio nas camadas populares da nação Tibetana.

Já o Cristianismo Católico tem sido muito criticado e incompreendido devido à sua devoção a Maria, que ao lado de São Francisco, são os santos mais festejados dentro das camadas populares. As críticas têm vindo especialmente das correntes protestantes, tendo em vista que a Bíblia não relata fatos especiais que evoquem sua santidade, como por exemplo, martírios, torturas, milagres ou alguma reforma que tenha feito no Cristianismo. A grande maioria dos santos tiveram suas beatificações por martírios (Pedro, Paulo, Santa Claus), por reformas que fizeram (Tomás de Aquino e Agostinho), ou pelos milagres e poderes manifestados (Francisco de Assis, Santa Tereza D’avila).

E Maria? Suas maiores proezas são o acompanhamento dos sofrimentos do filho, sem perder a fé. No entanto, podemos analisar com mais profundidade a santidade de Maria, acima das Escrituras e encontrando a essência religiosa da devoção.

Tal devoção vem do sentimento de necessidade do amor maternal, considerado maior amor terreno que possa existir. O amor da mãe é incomensurável, sem limites, sem lógica, sem leis, acima do amor filial, fraterno, sexual e qualquer outro sentimento que possa existir. O alento, alimento e sentimentos dos filhos são todos ensinados com a ternura materna. E se fisicamente é assim, por relação e similaridade, o indivíduo que é filho devocional de uma

religião, sente a necessidade de um Deus-Mãe, um Deus flexível, consolador, protetor, sentimental, acalentador. Algo que não se vê no aspecto masculino do Deus-Pai, especialmente o Deus do Antigo Testamento, guerreiro, vingativo, rígido e recompensador.

A devoção de Deus-Mãe remonta desde as religiões mais primitivas até nossos dias, como o culto da Mãe do Grande Espírito dos povos siberianos de 20.000 a.C.; Deusa Ísis do Egito em 3.200 a.C.; Ishtar na Mesopotâmia em 3.000 a.C.; a Deusa Kali do Hinduísmo em 2.000 a.C.; e a Deusa Atenas da Grécia em 1.500 a.C (PIAZZA, 1991). Todas essas Deusas tinham uma veneração tão importante quanto ao Deus Supremo de todas essas culturas, como Zeus, *Brahma*, Osíris, Tupã, Amon etc.

O Judaísmo retirou o elemento feminino da devoção, e o Cristianismo o retornou. E a grande figura a preencher esta lacuna é Maria, que mesmo sem participar ou entender profundamente todo o drama do Filho que culminou com sua dramática morte, o apoiou sem hesitar nenhum momento.

A devoção a Maria é um culto essencial, matriarcal, de sentimentos profundos, que preenche os corações dos devotos, especialmente os mais simples. E se torna o devoto mais sensível, mais espiritualizado, mais consolado e firme na compaixão Cristão, de forma nenhuma há que se renegar esse desenvolvimento devocional acontecido no Cristianismo, assim como muitas mudanças, acréscimos e técnicas foram implementadas no Budismo ao longo dos séculos por milhares de *Lamas*, *Rinpoches*, *Swamis* e Mestres Budistas em geral.

2.2 As profecias após o nascimento

Os nascimentos de Buda e Cristo foram considerados em suas épocas distintas como marcos espirituais, pois seriam o advento da vinda dos Mestres dos Mestres, aqueles que abririam os olhos até mesmo dos maiores Mestres de seus tempos.

Mesmo com a diferença cronológica de 500 anos entre os dois nascimentos, duas pessoas aclamadas como sábias fizeram profecias semelhantes sobre a missão que estas crianças desenvolveriam no mundo.

Buda foi profetizado pelo sábio de nome Asita, que ao vê-lo, profetizou que ele libertaria o mundo (KHARISHNANDA, 1998, p.23-25).

A liberdade do mundo profetizada por Asita abrange dois objetivos: o sofrimento e o social. A libertação da cadeia de sofrimentos profetizada aconteceu na época de Buda devido sua religiosidade estar centrada nisso, abominando as especulações e a necessidade

peremptória dos ritos, que era a crença predominante da época. Houve também a libertação social, pois sua segunda abominação foi a separação dos indivíduos em castas, que excluía àqueles sem hereditariedade nobre, os chamados *párias*. Assim, para estes, os ritos de purificação e recompensas celestes não estavam disponíveis, restando apenas uma vida física e espiritual de plena amargura.

No Cristianismo temos a figura do Simeão, que já na sua profecia encaixa dor e separação, quando relata que haverá quedas de muitos em Israel, e será alvo de contradição:

Ora, havia em Jerusalém um homem cujo nome era Simeão; e este homem, justo e temente a Deus, esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele. Simeão o tomou em seus braços, e louvou a Deus, e disse: E Simeão os abençoou, e disse a Maria, mãe do menino: Eis que este é posto para queda e para levantamento de muitos em Israel, e para ser alvo de contradição. (Lucas 2,25-34).

E aconteceu mesmo a consolação de Israel, pois com Jesus também os excluídos passaram a absorver a benevolência de Deus, independente de ser escravo, gentio, pagão ou estrangeiro. O Judaísmo da época além de impor inúmeras regras impossíveis de serem cumpridas, enfatizava por demais a hereditariedade judia, excluindo os que não possuíssem o caráter genético. Enfrentar o poder espiritual dominante foi o ponto central da perseguição de Jesus, pois Roma procurava não interferir nestas questões religiosas tão difíceis de Israel. Mexer nesse barril de pólvora seria estourar rebeliões em todos os recantos, o que dificultaria a dominação romana e o recolhimento de impostos. Mais fácil seria dar liberdade religiosa.

E Cristo veio e plantou a contradição, trazendo uma nova concepção ao Judaísmo, sem muitos rituais, sem muitas exigências de purificação e provocando uma divisão de águas entre os abertos a mudanças e os retrógrados.

2.3 A busca dos predestinados

Procede ainda grande semelhança entre a procura dos Reis Magos pela criança Jesus e a tradição do Budismo tibetano à procura das crianças consideradas reencarnações de Mestres espirituais, tais como os *Lamas* (Instrutores), tradutores e os regentes políticos, os *Dalai Lama*.

Que mistérios guardam a predestinação da nascimento de certas crianças, gerando a procura dos doutores da época por seu encontro?

O Budismo encontra uma explicação mais plausível, pois defende a Reencarnação.

Então grandes Mestres voltam a encarnar sucessivamente por amor à humanidade, para que assim todos os seres cessem seus sofrimentos. Poderiam ficar nas regiões paradisíacas, celestes, gozando da boa-venturança, mas o amor lhes move ao sacrifício de se manifestarem fisicamente, com todas as dores, humilhações e intolerâncias que isso traz (DAS, 2001, p.128-129).

Já o Cristianismo tem nessa passagem atualmente apenas a exposição do cumprimento das profecias, pois não aceita mais a reencarnação. Como dar lógica a vinda de seu maior Mestre, o Deus vivo em carne, se não há toda uma expectativa? Mas a aceitação da reencarnação ou transmigração das almas nem sempre foi assim no Cristianismo, pois até os seis primeiros séculos do Cristianismo a crença na reencarnação era comum: “A crença na reencarnação constituía um dos dogmas das comunidades cristãs primitivas, mas depois foi considerada herética e banida da teologia cristã no Segundo Concílio de Constantinopla em 553 d.C.” (KERSTEN, 1998, p.28).

Os sábios reis Magos, oriundos provavelmente da Pérsia, terra de conhecimentos mágicos, sobrenaturais, astrológicos, místicos e até astronômicos (pois seguiam uma estrela), chegaram exatamente no ponto certo do encontro do menino, tão distante da cidade que nem mesmo o Rei Herodes tinha conhecimento.

Este é o mesmo procedimento utilizado pelos sábios do Tibet, mesmo na atualidade. No século XIX, uma expedição foi criada com a missão de encontrar a reencarnação do atual XIV *Dalai Lama*, e esta se baseou em pistas dadas em vida pelo Dalai Lama anterior; nas indicações de um monge funcionário do governo com poderes para ver o futuro, denominado de *Oráculo*; nas meditações e visões do monge regente do Tibet; e nos cálculos dos Astrólogos do governo, pois a Astrologia é largamente utilizada pelo governo e cidadãos tibetanos em geral (KERSTEN,1988, p.98-100).

2.4 A prova das tentações

A similaridade do caminho percorrido pelos dois Mestres encontra-se também no isolamento de ambos, onde são tentados por demônios para que abandonem o caminho espiritual em favor da opulência, luxúria e riquezas.

Sofrem grandes martírios, indicando a necessidade de controle sobre o corpo.

Após o domínio sobre o corpo, enfrentam as provas de domínio sobre a mente e a

força de vontade em enfrentar sua missão.

Buda conviveu com ascetas Jainistas que praticavam horrendas mortificações no corpo e na mente, para assim ter domínio da mente. Dentre as mortificações destaca-se fechar as mãos muito fortemente e por muito tempo, a ponto das unhas atravessarem as palmas; calçar sandálias com pregos; dilacerar suas carnes com laminas ou fogo; morar e dormir com cadáveres. Alimentava-se com apenas dois grãos de arroz por dia, tornado-se tão esquelético que ao tocar o estômago, atingia a coluna (KHARISHNANDA,1998, p.56-57).

Após seis anos de penitências e meditação, tendo-se isolado dos seus companheiros ascetas, é tentado por Mara, príncipe das trevas, com cenas de luxúria, poder e riquezas (KHARISHNANDA,1998, p.62-63).

Já Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo (Mt 4,1-1). Jejuou também quarenta dias e quarenta noites no deserto (Mt 4,2).

As horrendas mortificações de Buda são também semelhantes ao sofrimento de Cristo na prisão e na cruz. Os fatos da tortura cristã inspiraram por séculos a penitência sangrenta como forma de expiação dos pecados. Muitas dessas penitências intentavam imitar seus sofrimentos, seja martirizando-se com objetos cortantes, seja sendo pregado com parafusos na cruz.

Estas tradições chegaram até nossos dias, tendo como exemplo um grupo de penitentes na cidade de Barbalha, interior do Ceará, que costumam fazer rituais de autoflagelação:

Mas o Cariri não abriga apenas fanáticos aguardando o fim do mundo. Grupos de penitentes que praticam a autoflagelação como forma de penitência para aplacar a ira de Deus, obter o perdão dos pecados e chegar ao paraíso, são ainda mais numerosos. Um dos mais tradicionais é o do Sítio Cabeceiras, em Barbalha, cidade a menos de 20 quilômetros de Juazeiro do Norte. Liderado por Joaquim Mulato de Souza, 77 anos, o grupo é uma tradição que vem sendo mantida há pelo menos quatro gerações. (...) As orações são centenárias. A penitência diária para as mulheres é a oração. Já os homens se submetem a um ritual muito mais impressionante que remete aos primeiros séculos da Igreja e a santos mártires e guerreiros como São Sebastião e São Bernardo. Usando chicotes com lâminas afiadas de metal nas pontas, eles se autoflagelam durante longos períodos, enquanto cantam orações onde se louvam sacrifícios, a dor e a redenção que ela traz, como aconteceu com Cristo (PROFETAS, 1997).

Após tantos séculos, as penitências físicas conseguem perdurar dentro de pequenos grupos, como forma de purificar os pecados e seguir o caminho do Cristo através do domínio da dor no corpo.

A grande diferença entre a tortura do Cristo e as penitências sangrentas destes grupos,

é que o Cristo o fez por um motivo maior, e não por questões pessoais. Cristo também entrou em uma novela de penitências com sua prisão, tortura e crucificação, e por vontade própria, mas isso fez para sua mensagem perdurar por séculos, e não para ganhar alguma recompensa espiritual como fazem os penitentes. De outra maneira, talvez o Cristianismo não houvesse se difundido tanto. Imaginem se Cristo não tivesse sido crucificado. Será que isso conseguiria comover tanta gente? Que grande exemplo de vida ele teria dado?

Agora, um homem santo, puro, que enfrentou todos os poderosos da época para ajudar os desamparados, e como consequência foi preso, dilacerado e morto nu, vergonhosamente exposto para uma multidão, é algo muito forte para que não deixemos de nos interessar que força era essa que esse homem tinha, e o que tinha para ensinar. Alguém bom sofrendo injustiças é algo que mexe no fundo do ser humano, que atravessa o coração. E essa é a porta de entrada do Cristianismo.

Os penitentes querem seguir Cristo em seus sofrimentos na carne, mas não seguem sua vida de compaixão e ajuda aos outros, tentando melhorar a vida dos mendigos, das crianças de rua, dos presidiários e dos violentos. Preferem distanciar-se da vida. Muito semelhante ao pós-modernismo, em que se prefere morrer em uma escalada de montanha, do que enfrentando poderosos para ajudar necessitados.

Dentro do Budismo não há mais essas penitências, no máximo jejuns ou retiros espirituais com pouca alimentação. Sacrifício só se for pelo próximo.

Antes do Século I o Budismo não era assim, onde os monges isolavam-se da sociedade e faziam grandes sacrifícios em retiros nas cavernas, com disciplinas pesadíssimas de meditação e jejuns. Uma dedução bastante plausível para estas mudanças é que os missionários Cristãos da época tenham influenciado os grandes Mestres Budistas a mudarem seus conceitos de sacrifício monástico para o sacrifício pelo próximo.

2.5 O preconceito no início da missão

Embora encerrem o nascimento de Mestres dos Mestres de suas épocas, profetizados como os possuidores dos maiores atributos divinos, Buda e Jesus também foram humanos e viveram em determinado contexto social, parecendo ser incongruente as manifestações físicas e antropológicas de uma pessoa divina que possua carne e ossos, como todos os outros seres humanos.

O preconceito sobre Buda recaiu sobre seus antigos discípulos com quem teve anos de

convivência, e acreditavam de acordo com os conceitos Jainistas predominantes na época, que a única forma de ascender espiritualmente e alcançar a iluminação, seria o controle sobre o corpo com as mortificações. Buda, após a iluminação, reverteu esses conceitos e exortou todos a terem uma vida equilibrada. Ao verem que seu antigo tutor se alimentava e se vestia normalmente como todos os outros “impuros”, desprezaram-no por considerarem um fracassado nos seus votos da santidade (KHARISHNANDA, 1998, p.77). Como se tornar santo se não se martiriza? As mortificações de Buda foram as maiores de todos eles, e ninguém era capaz de conseguir repeti-las, e por isso o antigo Sidarta tornou-se o Mestre deles antes de sua Iluminação. Agora, voltando e se anunciando como Iluminado, Sidarta-Buda apresenta-se forte, limpo e com roupas normais, algo totalmente adverso a tudo que acreditavam até então. Viraram-lhe os rostos e o consideraram o mais inferior dos humanos, pois conheceu o caminho e desistiu! Assim pensaram os cinco ascetas...

O preconceito contra Jesus já não foi oriundo de sua revolução de conceitos, mas na incapacidade de se compreender como um Messias, o profeta mais esperado de todos os tempos poderia ter uma origem humilde e não ter saído de uma família rica e poderosa. Essa é a conclusão que chegamos quando alinhamos a indagação de Natanael ao ser informado que Jesus é nazareno, quando pergunta “O que pode vir de bom de Nazaré?” (Jo 1,46), e os questionamentos de seus conterrâneos quando interrogavam: “Não é esse o filho do carpinteiro”? De onde vem toda essa sabedoria? (Mt 13,54-58).

O preconceito contra Jesus foi puramente materialista, pois era um homem de origem humilde, sem estrutura educacional e financeira. Para que acreditassem em sua mensagem e reforma, exigiam que ele fosse rico, nobre, de uma classe guerreira ou sacerdotal, como se a sensibilidade para mudar o mundo e o próprio ser humano estivesse vedada aos pobres. Além de ser um pensamento ingênuo, é anti-histórico com os próprios fatos narrados anteriormente com o Antigo Testamento. Primeiro, porque quem vem de uma classe dominante normalmente não quer mudanças para não perder suas riquezas e posição. Segundo, porque todos os grandes reformadores de Israel desenvolveram suas missões devido à aproximação com a pobreza. Moisés, mesmo sendo adotado pela filha do Faraó, enfrentou o Egito porque vivia ao lado dos miseráveis de Israel.

Cristo nasceu na pobreza, em uma caverna sem nenhum conforto, e desde pequeno já via as injustiças, explorações e vedação espiritual do seu povo. Buda nasceu em um palácio, em uma vida cercada dos maiores confortos, mas vendo que tudo isso não eliminaria os problemas da dor humana, e nem jamais conseguiria achar a verdadeira felicidade, abandonou

tudo! Abandonou suas riquezas, seus pais, sua esposa, seu filho pequeno, seus amigos e suas vestes, indo viver ao lado de ascetas, mendigos e cadáveres. E tornou-se também um mendigo, ou melhor dizendo, um monge mendicante. Francisco de Assis também faria do mesmo jeito vinte séculos depois, abandonando sua vida fidalga e saindo nu da casa dos seus pais. Tomou essa decisão inspirado na vida de Cristo, mas sua história é muito mais semelhante à vida do Buda.

2.6 Autoridade de Buda e Jesus em apresentarem-se como únicos

Não seria algo totalmente incongruente que duas culturas que se baseiam na compaixão e no amor ao próximo, tenham seus fundadores definindo-se como os maiores, os únicos?

Exatamente por causa desses conceitos, muito enfatizados no Cristianismo, é que houve tanta intolerância religiosa na humanidade, com tantos assassinatos e humilhações às outras religiões. Termos como pagãos e hereges trazem em seu âmago os gritos de sangue de todos os inocentes torturados e mortos absurdamente.

Mas seria esse o propósito de Jesus? Jamais poderíamos conceber isso. Esse pensamento tacanho seria aplicável apenas a empresários sem escrúpulos, no afã de eliminar a concorrência, mas não ao reformador do Ocidente.

O trecho mais forte no Novo Testamento sobre a superioridade de Jesus apresenta-se no Livro de João: “Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (João 14,6).

As interpretações sectárias que se seguiram durante séculos e séculos é que o único caminho seria o Cristianismo, gerando termos insuflados de uma violência sanguinária: paganismo, heresias, idolatria, mitologia etc.

Mas isso tudo foi, e continua sendo, um grande superficialismo à letra morta, que não resiste a uma análise mais profunda. Tal interpretação só teria sentido se o próprio Cristo já estivesse contaminado com a política imperialista e podre de Roma. Tal contaminação só foi acontecer quatro séculos mais tarde com o imperador Constantino (SAMUEL, 1997. p.199), criando a ideologia que o Reino de Deus estaria condicionado a um cadastro em uma ordem eclesiástica e hierarquizada, bastando para isso um ritual (Batismo), que mesmo inconsciente, garante o passaporte automático para os Céus (ROHDEN, 1990, p.60).

E qual análise mais profunda seria essa? Por incrível que pareça, vamos encontrá-la

em um escritor oriental e “pagão”: Thich Nhat Hanh, monge Zen Budista, vietnamita, autor de vários livros sobre o Zen, tendo lutado incansavelmente contra a guerra no Vietnã, o que lhe rendeu uma indicação para o Prêmio Nobel da Paz, e também a expulsão e exílio de sua terra natal.

Thich sofreu em sua própria pele a discriminação do invasor contra a religião de seu país, imposta por missionários sectários do cristianismo francês nos anos 70. No entanto, sua luta pela paz o ajudou a ver o outro lado do Cristianismo nas atitudes pacifistas de Martin Luther King e muitos outros nomes, passando a nutrir tanta devoção a Jesus como a Buda, a ponto de possuir uma imagem de cada um em seu altar pessoal! Thich conhece os dois lados da moeda do Cristianismo: seu sectarismo violento e sua compaixão engajada com o social. O Cristianismo ajudou Thich a desenvolver um Budismo engajado com o social, que é a tônica dos seus livros, além do ecumenismo, é claro (HANH, 1997, p.73).

Para Thich, o trecho de João tem a seguinte versão:

Quando Jesus disse “Eu sou o caminho”, Ele quis dizer que, para termos um verdadeiro relacionamento com Deus, precisamos praticar Seu caminho. (...) O “Eu” na declaração Dele é a própria vida, a vida Dele, que é o caminho. (HANH, 1997, p.69).

Essa interpretação dá uma clara manifestação da ausência de egoísmo e verdadeira sinceridade de Jesus, pois o valor de seus ensinamentos não está em suas palavras, mas em sua vida! Ele é o que é sua vida, e nada mais... Não há um “eu” aí, um instituidor de Igrejas, sectarismos e dogmas, mas apenas alguém que cumpre sua tarefa, e exorta que sigam seus passos de compaixão.

Huberto Rohden, professor e escritor brasileiro de renome internacional, compactua com essa visão, quando explica que o nome imposto pelo Anjo Gabriel para o filho de Maria, Jesus, significa “Deus Salvação” ou “Redentor Divino”, do hebraico. Tal nome não é a designação de um ser, mas a função visível de uma realidade externa, sua missão a cumprir (ROHDEN, 1990, p.39-40)

Essa separação entre o “eu” e a vida é uma idéia completamente budista. Tal separação e afirmação da inexistência do eu foi estabelecido pelo budismo para contrapor o forte conceito de castas hindu (HANH, 1997, p.68), o qual reforçava a idéia da superioridade de um eu em função de sua hereditariedade, desprezando e massacrando as classes hereditariamente desfavorecidas.

Assim, Buda também se apresenta em diversas ocasiões como Único, ou como O Mais

Iluminado.

Logo após sua iluminação, muda seu nome de Sidarta Gautama para “O Iluminado”, e ao encontrar novamente seu pai depois de vários anos, autodenomina-se como “O Mestre da Verdade” (KHARISHNANDA, 1998, p.84).

Mesmo com essas denominações, o Budismo não se tornou sectário, mas adotou o respeito compassivo e positivamente sincrético em todos os locais que propagou, adquirindo também o respeito das outras religiões. O próprio Hinduísmo, que teve um grande declínio após o Budismo, considera Buda como a 9ª Encarnação do seu Deus Reformador, *Vishnu* (ALMANAQUE, 2004,p.134).

No Japão houve praticamente a fusão do budismo com o Xintoísmo, implementando no Budismo uma prática tradicional japonesa que é o culto aos antepassados.

2.7 A disseminação do conhecimento

Ambas as religiões foram disseminadoras em nível mundial, talvez devido ao fato de terem sido radicalmente reformadoras, trazendo a última palavra em espiritualidade para suas épocas.

A orientação de Buda para a divulgação dos seus ensinamentos foi mais doce que a de Jesus, provavelmente por que em sua época e região a violência era bem menor. É de se frisar que Buda recebeu o apoio de muitos Reis, ávidos de conseguirem atingir a Iluminação, ao contrário de Jesus, que foi assassinado devido à velha forma de política podre que derrama o sangue daqueles que ameaçam a intenção do poder perpétuo.

A orientação de Buda foi a divulgação através da alegria, mas APENAS para os que quisessem: “Buda orientou seus discípulos a reunirem todos os que quiserem escutar as doces palavras da lei, estimulando os incrédulos a receberem a verdade e encher de alegria seus corações. “ (KHARISHNANDA, 1998, p.110).

A premissa no Cristianismo com Jesus já foi mais amarga, para uma época sangrenta, escravocrata, ameaçadora. Entende Jesus que o preconceito e o desprezo irão liderar a recepção aos Apóstolos, preconizando extrema prudência como alerta às armadilhas dos inimigos ocultos, e usa até mesmo um tom de ameaça para o futuro castigo dos desprezadores de sua reforma:

Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, procurai saber quem nela é digno, e hospedai-vos aí até que vos retireis. E, ao entrardes na casa, saudai-a; se a casa for digna, desça sobre ela a vossa paz; mas, se não for digna, torne para vós a vossa paz. E, se ninguém vos receber, nem ouvir as vossas palavras, saindo daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que, no dia do juízo, haverá menos rigor para a terra de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade. Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudente como as serpentes e simples como as pombas. (Mateus 10,11-16).

Em seu afã de difundir-se mundialmente, o Cristianismo tornou-se uma religião de prosélitos, que consiste na técnica de converter o maior número possível de adeptos, “aderindo-os” no novo engajamento religioso. O proselitismo na história foi feito mediante as milhares de missões evangelizantes, não se furtando à utilização das ameaças, assassinatos e outros crimes hediondos, especialmente contra os indígenas.

Para Evaldo Pauli, da Universidade de Santa Catarina, este foi um vício oriundo da cultura judaica, onde os judeus saíam pelo mundo helênico e romano para convertê-los ao Judaísmo (PAULI, 2005).

Esse proselitismo, além de criar tensões entre os outros grupos religiosos pejorativamente definidos como “pagãos”, necessitou do estabelecimento de dogmas para evitar ou adiar a perda dos fiéis de sua escuderia, para que assim não houvesse a ousadia de novas teorias ou interpretações que viessem abalizar a cúpula cristã.

Ao contrário do Cristianismo, a disseminação mundial do Budismo tornou-o sincrético com as demais culturas com as quais se envolvia, adaptando-se e mesclando-se com as tradições culturais e religiosas locais, como por exemplo no Japão, que adotou várias tradições do Xintoísmo. Até nossos dias o Budismo considera o sincretismo algo salutar para sua religião, como se o próprio Budismo crescesse com isso. O Budismo realmente não consegue ser uma religião de multidões em todos os locais que passa. A grande maioria dos grupos budistas brasileiros não passa de cinquenta integrantes, e isso é ocasionado devido a forma de divulgação do Budismo, através unicamente de palestras e artigos, em revistas ou Internet. O Budismo considera um missionário como um erro bastante grave, algo totalmente inadmissível, pois se alguém tenta propagar sua religião e outro faz o mesmo, tornam-se ambos concorrentes e vêm os conflitos (DALAI LAMA, 2001a, p.198).

O Cristianismo, que herdou o espírito dominador dos judeus e romanos, passou a escravizar povos e desprezar as outras religiões, e no Século XVIII passou a definir a palavra “Sincretismo” como algo totalmente negativo, como “uma reconciliação ilegítima de pontos

de vista teológicos opostos, ou heresia contra a verdadeira religião” (FERRETTI , 1995, p.113-130).

Assim o Budismo tornou-se sincrético, e o Cristianismo violentamente sectário.

Seriam dois extremos de uma mesma linha? O ideal seria um meio termo entre o sincretismo e o sectarismo?

Para estas religiões, que trabalham para divulgar seus ensinamentos em amplitude mundial, o termo sincretismo não pode deixar de existir quando se entra em contato e se convive com culturas diferentes.

Embora o Cristianismo e o Budismo tenham chegado a essas culturas trazendo uma nova “tecnologia espiritual”, jamais poderiam esmagar toda uma cultura tradicional de uma religiosidade que já existe, e que permite o desenvolvimento de muitos aspectos morais incipientes nas novas culturas.

Assim aconteceu com os espanhóis ao catequizarem os indígenas Maias e Incas, e os portugueses com nossos aborígenes. Vieram como culturas superiores, para ensinar o “verdadeiro” Deus, pois consideravam que estes nativos selvagens adoravam deuses falsos. Com o passar do tempo, consideraram os índios como almas perdidas, e chegaram a concluir que os nativos eram seres sem alma!

Só que os indígenas possuíam um sistema comunitário mil vezes mais solidário que os invasores, além de terem um cuidado e adoração extrema com todas as formas de vida, pois viam Deus em tudo. Não poluíam, e só matavam os animais que eram necessários à sua alimentação. Viviam em grande harmonia entre si e com a natureza, um verdadeiro paraíso. Os invasores trouxeram apenas a mentira, politicagem, corrupção, armas, estupros, torturas, desmatamento, exploração e guerra. Conclusão: eram os nativos mais Cristãos que seus dominadores. E estes ainda consideravam sua religião superior, como ainda até hoje consideram...

Tal influencia se nota na própria cultura ocidental, que classifica outras religiões antigas como mitologias, e apresenta os termos “Divindades” e “Deuses” com as iniciais em letras minúsculas, escrevendo unicamente com a inicial maiúscula o Deus do monoteísmo, como se apenas para Este último houvesse respeito e realidade, sendo os Deuses das outras religiões meras invenções.

E quais são os problemas trazidos pelo sincretismo? Que religião se queixa de ter mesclado elementos de uma nova cultura na sua?

Os africanos foram estraçalhados em suas culturas, trazidos algemados em imundos

navios para nossas terras, e considerados inferiores à espécie humana. Para poderem adorar suas Divindades tiveram que sincretizá-las com os Santos Cristãos. Mesmo assim, os grupos religiosos africanos da nossa atualidade, em nada se queixam do sincretismo!

Mas o Cristianismo dominador, teme e abomina o sincretismo. Considera-se livre dele, uma cultura pura, sem as misturas das outras religiões, e isto é o que o afasta tanto do Ecumenismo.

Conta Thich Nhat Hanh, monge Zen Budista a quem nos referimos anteriormente, que em uma conferência de teólogos e professores de religião, um cristão indiano falou no microfone: “Vamos ouvir falar maravilhas de várias tradições, mas não vamos fazer uma salada de frutas!”. Quando foi a vez de Thich falar, sua primeira frase foi: “Uma salada de frutas pode ser deliciosa...”. Após, compartilhou a Eucaristia com um padre amigo seu, para horror dos cristãos que estavam no recinto (HANH, 1997, p.23).

Por mais esforço e violência que se faça, é impossível entrar em contato com outra cultura sem sofrer influências. Por isso, nas palavras do célebre Leonardo Boff, é impossível a ausência de sincretismo em qualquer cultura religiosa que ultrapasse nações:

A Igreja em sua estrutura apresenta-se tão sincrética como qualquer outra expressão religiosa [...] o cristianismo puro não existe, nunca existiu nem pode existir. [...] O sincretismo, portanto não constitui um mal necessário nem representa uma patologia da religião pura. É sua normalidade. (BOFF, 1982, p. 150-151).

De forma alguma podemos condenar o sincretismo, mas devemos equipará-lo ao próprio termo Ecumenismo, denotando respeito, tolerância e humildade religiosa, além de uma grande abertura em aprender o novo.

Sincretismo une evangelização e respeito. Sectarismo e tentativa de pureza religiosa unem guerra e atraso cultural. Temos o exemplo muito claro disso nos países que adotaram o Islamismo Fundamentalista, trazendo guerra e dor para o seu povo.

2.8 Iluminações

A Iluminação é definida no Budismo como a descoberta da natureza própria da mente, de natureza celestial, onde através de intensos esforços as nuvens ilusórias se desvanecem e pessoa consegue ver a realidade tal como ela é (RINPOCHE, 1999, p.74). Um verdadeiro “insight”, um grande choque, em que a partir deste instante que se desperta a pessoa muda

radicalmente sua forma de ver a vida, tornando-se espiritualmente profunda e consciente. A Iluminação é a manifestação extraordinária da consciência, e existem muitos casos no Budismo e no Cristianismo.

Buda, após receber orientações dos maiores Mestres da época, Arada e Uraka (KHARISHNANDA, 1998, p.50), e praticar as maiores mortificações, resolveu abandonar os métodos usuais e sentar embaixo de uma árvore, decidindo só se levantar após se Iluminar. Ao conseguir compreender a verdade integral da vida, libertou-se das cadeias da ignorância acabando definitivamente com o sofrimento e frustração, adquirindo uma paz permanente e imortal (RINPOCHE, 1999, p.75 e 85).

Shantideva, um dos maiores filósofos budistas, era considerado um grande preguiçoso no Templo que morava na Índia, pois não memorizava nada dos textos sagrados, irritando seus colegas monges.

O abade o advertiu que, se na manhã seguinte ele não recitasse de memória as Escrituras, seria expulso do templo. À noite, o abade foi até a cela onde Shantideva dormia, e lhe ensinou um *mantran* (palavra sagrada) de Manjushri, o Buda da Sabedoria, que deveria ser recitado a noite inteira para que assim obtivesse ajuda divina e na manhã seguinte conseguir cumprir o dever de monge.

Amarrando sua gola com uma corda no teto, para que assim sua famosa preguiça não o tombasse no chão, Shantideva orou com o *mantran* a noite inteira, mas ao nascer o sol viu que não estava nenhum um pouco mais esperto. Em alguns instantes teve a visão da Divindade chamada Buda Manjushri, que lhe concedeu a realização de cada qualidade da perfeita sabedoria.

Ao dirigir-se ao palanque, que tinha como platéia o próprio rei, pediu silêncio e perguntou ao rei se queria que ele recitasse um texto da Escritura ou algo original. O rei sabendo da má fama de Shantideva, solicitou com ironia que fizesse algo de sua autoria. Assim Shantideva começou a recitar um dos mais famosos textos budistas, “O Guia para o Modo de Vida do *Bodhisattwa*”. Ao terminar o último capítulo, levitou e desapareceu nas nuvens (SHANTIDEVA, 1998, p.51-57).

Dentro do Cristianismo, temos a história de Moisés, que teve sua vida comum mudada para líder espiritual depois do diálogo com um anjo em forma de chama de fogo em uma sarça ardente (Ex 3,1-14).

Temos também mudanças especiais que se assemelham às experiências da Iluminação: para os apóstolos, o dia que mudou suas vidas dando-lhes mais capacidade foi o dia de

Pentecostes, quando ficaram cheios do Espírito Santo (At 2,1-4).

Saulo muda de ser e de nome no caminho para Damasco, após a visão de Jesus (At 9,1-8). Para o *Lama* budista americano Surya Das, que tem sua origem tradicional no Judaísmo, tornando-se posteriormente um instrutor do Budismo tibetano, esta é uma autêntica experiência da Iluminação. Define ainda: A Iluminação é um processo não diferente de Deus (DAS, 2001, p.26).

Francisco de Assis obtém seu grande momento espiritual quando ouve uma voz ordenando que restaure a Capela de São Damião. Após esse fato, renuncia a todos os bens, veste-se como eremita e começa a reforma. Abraça a pobreza e vence a si mesmo indo pedir esmolas (SOCIEDADE, 2005).

Nenhum místico tem maior semelhança com o Budismo do que Francisco de Assis, com seus votos de pobreza, suas sessões de oração, seus êxtases místicos típicos de meditadores, seu extremo amor com todas as formas de vida. O Budismo reverencia todos os seres como Divinos, e Francisco os Diviniza como irmãos, desde o sol e a lua, até os animais e plantas (BOFF, 1999, p.168-170). Tudo para Francisco é extremo cuidado, sendo hoje esta a tônica da Teologia da Libertação para poder salvar a natureza da destruição do homem.

Todas as experiências dos santos e místicos não poderiam passar despercebidas como autênticas experiências de Iluminação.

O Ocidente apenas aceita essas experiências para pessoas que já faleceram, a ponto de alguns correntes teológicas afirmarem que a Revelação de Deus acabou com os apóstolos, restando para nós

s unicamente os escritos da Bíblia.

No Oriente, a tradição das experiências pessoais de Revelação de Deus continua no contato entre Mestres e discípulos, renovando suas práticas e deixando acesa a chama da Iluminação.

3. SEMELHANÇAS DOUTRINÁRIAS

Entrando no campo da doutrina, exporemos a síntese conceitual comparativamente das duas culturas, mesmo que afastada por séculos e por costumes. Exporemos ainda os aparentes conflitos entre fé e Iluminação, e a comparação entre a negação de si mesmo com a doutrina do *Vazio*.

Como se não bastasse, percorreremos também o porquê das diferenças Teístas e Ateístas das duas religiões, conseguindo ainda encontrar respaldo para mostrar os mais variados aspectos de irmandade do Oriente e Ocidente.

3.1 O primeiro discurso

O primeiro discurso marca a entrada na vida pública dos Mestres, uma das mais importantes fases na missão.

Jesus dá o seu primeiro discurso para uma grande multidão, mas Buda dá para apenas cinco monges, pois entendia que apenas eles teriam capacidade de compreender facilmente a revolução espiritual que estaria por vir.

O 1º discurso de Jesus, o Sermão da Montanha, trata de consolar e mostrar a praticidade do caminho espiritual: ter um coração puro e ser misericordioso. Consola ainda os que choram, os que têm fome de justiça e os injuriados. Promete também grandes recompensas aos que forem perseguidos por causa do Cristo (Mt 5,1-14).

Em meio a toda desolação que viviam os deserdados de Israel, pisados pela dominação Romana e pela inflexibilidade Judaica, Cristo os convoca a terem um coração puro e misericordioso, pois essa seria a única forma de trazer paz a tanta turbulência. Ódio só gera mais ódio, e se não houver a misericórdia, perdão e compaixão, todos se autodizimarão.

Mesmo que haja dor e injustiças, o coração puro e misericordioso é o que sustentará a força e o triunfo de uma vida, mesmo que seja assassinado, mesmo que perca tudo, pois poderá provocar o benefício de muitos no futuro. Essa foi a vida Crística.

Buda também em seu primeiro discurso mostra o caminho mais prático para a espiritualidade, e ao invés de consolo, usa a repreensão, pois eram ensinamentos para pessoas a quem já tinha intimidade, e não para uma multidão em geral. Proferiu na cidade de Varanasi, Índia, para os cinco monges ascetas com quem praticara as mais violentas mortificações. Mostrou-os que a espiritualidade baseia-se no caminho do meio, o equilíbrio em todas as coisas, e advertiu-os que as mortificações não limpariam seus defeitos, sendo vãs se a personalidade persiste em desejar os prazeres do mundo e dos céus (KHARISHNANDA, 1998, p.78-79).

O equilíbrio entre o material e o espiritual sempre foi um grande desafio para todos os que buscam com afincado o caminho espiritual, ou a vida da Iluminação. Os monges ascetas amigos de Buda acreditavam que deveriam praticar com todo seu sangue unicamente a via espiritual, e que só assim atingiriam a meta. Embora Buda mostrasse que estavam enganados, seus esforços não foram em vão, pois Buda os considerou como os únicos que estariam aptos a compreenderem a revolução que iria empreender. Isso por que os cinco ascetas praticavam com verdadeira sinceridade, e não para se exibirem aos outros, mostrarem-se superiores ou para adquirir orgias ou riquezas espirituais.

Buda viveu em um mundo de ascetismo fanático, mas que buscava a Deus mesmo que fosse com os maiores sacrifícios. Jesus, porém, conviveu em um mundo contaminado pela política, exploração, injustiça e violência. Estes foram os motivos porque Jesus transmite consolo e fé, e Buda receita o equilíbrio e harmonia da vida material e espiritual.

3.2 A síntese dos ensinamentos por eles mesmos

Segundo seus próprios fundadores, em que se resumem os ensinamentos Cristãos e Budistas?

Podemos encontrar uma forte semelhança também entre a síntese de todo o conhecimento de Buda e Jesus, que provocaram a revolução de suas culturas.

Buda, na Índia, luta contra a exclusão da espiritualidade das castas inferiores e abole a idolatria, entrando em conflito com os brâmanes que detinham o monopólio do ensinamento religioso da tradição hinduísta (TOYNBEE, 2005). Entra também em conflito com os líderes

ascetas, pois via o equilíbrio como o único caminho sólido espiritualmente, abrindo também o leque espiritual para aqueles que não queriam se afastar da vida social. Também teve um radical desinteresse teológico em favor do problema existencial, pois era uma época em que se contestava a existência dos Deuses (PIAZZA, 1991, p.278).

A linguagem de Buda voltou-se então totalmente para o esforço humano em prol da Iluminação e cessação dos sofrimentos, uma linguagem totalmente nova em todas as épocas da humanidade, agradando sobretudo àqueles que não se inspiravam com as idéias devocionais do Hinduísmo, nem com os extremos do Jainismo. Daí seu principal ensinamento ser voltado às quatro nobres verdades:

- 1- O sofrimento existe;
- 2- As causas do sofrimento são os desejos;
- 3- O sofrimento pode ser cessado;
- 4- A forma para eliminação dos sofrimentos é o caminho óctuplo:

Compreensão correta, intenção correta, fala correta, ação correta, meios de subsistência corretos, esforço correto, atenção correta e meditação correta (KHARISHNANDA,1998, p.70-71).

As três primeiras verdades são para reforçar a importância de se praticar a quarta nobre verdade, o caminho espiritual denominado de óctuplo.

O caminho óctuplo possui ainda três subdivisões: Treinamento em sabedoria, ética e meditação. Compreensão e intenções corretas pertencem ao Treinamento em Sabedoria. Fala, ação e meios de vida corretos são do Treinamento em Ética, e Esforço, atenção plena e Meditação corretas fazem parte do Treinamento em Meditação.

A compreensão correta engloba o estudo do apego, insatisfação, *carma*, *samsara*, *eu*, *vazio*, *impermanência* e morte. A doutrina da Impermanência é um dos assuntos mais destacados, pois segundo esta, tudo não passa de uma ilusão, pois tudo nasce e morre. Se a pessoa não se aprofunda na meditação sobre a impermanência, verá como verdadeiras as coisas ilusórias, gerando o apego à família, bens materiais etc; e verá como ilusórias as coisas verdadeiras, como por exemplo, o esforço de progresso interno, que permite a pessoa sair do ciclo de dor da vida.

A intenção correta engloba as diversas técnicas para desenvolver o coração bondoso e compassivo, com práticas de imaginações e reflexões.

Este é o treinamento em Sabedoria, para conseguir ver a realidade dos fenômenos (DAS, 2001, p. 108-182).

O Treinamento em Ética objetiva uma vida de acordo com os preceitos sagrados.

A fala correta ensina os benéficos de dizer a verdade, não falar dos outros e a utilização dos *mantrãs*.

A ação correta ensina a agir com generosidade, tentar não matar nenhum ser vivo, não se embriagar, e não utilizar equivocadamente a energia sexual. Utilizar indevidamente a energia sexual seriam os relacionamentos sem sentimentos, por puro prazer carnal, em que se vê a pessoa com desprezo, apenas como um objeto de satisfação orgânica. Tal procedimento vai contra os ensinamentos do *Tantrismo* Budista.

O meio de vida correto ensina a ter uma profissão que não prejudique os outros, como vender bebidas alcoólicas. Aos monges era permitido viver de esmolas dos leigos Budistas nos países Orientais, pois as crianças desde cedo eram educadas a darem esmolas. Mas com vinda do Budismo para o Ocidente, em que não há essa educação e veneração de sustentar monges, devido a avareza ocidental e os inúmeros escândalos de líderes religiosos exploradores da boa fé, os monges passaram a aprender profissões e se sustentarem como qualquer outro cidadão (DAS, 2001, p. 183-277).

Adentrando no Treinamento em meditação, temos o esforço correto, que foca o esforço de controle e percepção mental, para estudar os pensamentos negativos, como evita-los, e como desenvolver os pensamentos positivos.

A atenção e concentração plena ensinam as técnicas de concentração, como postura, respiração, forma de olhar, como não dormir na prática, e como diminuir a agitação mental.

A meditação correta ensina as técnicas de Meditação, como por exemplo, a técnica de observar a respiração, ou de observar os pensamentos, ou de imaginar a própria morte, ou de utilizar perguntas sem resposta, como por exemplo, “Onde eu estava antes de nascer?”. (DAS, 2001, p.278-395)

Jesus também reformou sua época e a maneira como era vista a espiritualidade, com seus inúmeros rituais e a prática adoção de sistemas de castas pelos escribas e fariseus, que fechavam as portas aos *párias* do judaísmo.

Simplifica o judaísmo com todas as suas leis, profecias e rituais em um único ponto: *Amar a Deus de todo o teu coração, e ao próximo como ti mesmo*. (Mt 22,34-40).

A coluna vertebral do Cristianismo está na abertura do coração, e a do Budismo está na disciplina mental.

A evidência em “*Amar Deus de todo o teu coração*” implica em uma devoção que acha forças onde não existe nada; que galga conquistas pessoais onde o ser humano não

conseguiria suportar conseguir; que acumula virtudes para chegar o mais próximo possível à perfeição; que luta contra seus conflitos para não se afastar da sua meta perfeição. Este é o sentido da devoção a um Ser Superior, pois do contrário, o ser humano poderia não ter um ideal tão elevado a conquistar. Quem seria um exemplo humano de maior ideal? Júlio César, Napoleão, Nietzsche? Seriam ideais por demais pequenos, quando comparamos ao Ser Superior que criou tudo. Só amando Deus de todo o seu coração é que Alguém conseguiria entregar sua honra e corpo para dar esperança e força para uma multidão que não conhece.

No entanto, amar unicamente a Deus pode jogar o indivíduo em um enclausuramento social, sem poder utilizar todo o potencial desenvolvido na sua busca pela proximidade da Perfeição. Mais vale um miserável que colheu uma fruta para um companheiro, do que um grande sábio que passou sua vida escondido em uma caverna. Daí a complementação Crística de “*Amar ao próximo*” para “*Amar ao próximo como a si mesmo*”!

Este “*Amar ao próximo como a si mesmo*” pode ressoar como algo extremamente ególatra, vaidoso e narcisista, mas o sentido jamais poderia ser esse. Amar a si mesmo indica fazermos aquilo que seja o melhor para nós, sempre e a todo instante. Seria o correto discernimento entre o que é ilusório e o que é real. Trabalhar toda uma vida para ter conforto material, passando por cima dos outros, não seria amar a si mesmo, pois se dedicou a algo ilusório, que a qualquer momento poder se desvanecer, e que no futuro provoca irremediavelmente a solidão e o desprezo dos outros, provocando uma vida inútil e depressiva. Não raro muitos que levam uma vida assim se suicidam. Não possuem paz. Amor devocional deve gerar um amor engajado no social.

Dedicar-se ao real seria o próprio aprimoramento pessoal e interior, em prol do engrandecimento da humanidade em todos os seus aspectos. Isso é o que qualquer um poderia fazer de melhor para si, e não uma vida materialista, que implicaria consequentemente na destruição e sofrimento de muitas pessoas e da própria natureza em si, que é o que acontece hoje em nosso planeta massacrado. O homem destruindo tudo, todos, e a si mesmo. Pelo prazer momentâneo e ilusório, o homem se suicida ao assassinar a natureza e seus semelhantes. O contrário do “*Amar a si mesmo*” é o lema da nossa humanidade, “*Destruir ao próximo e a si mesmo*”...

Os quatro votos budistas, feitos quando o neófito decide ingressar nas fileiras do Budismo, espelham fortemente que o campo do possível é a completa mediocridade, incondizente com a energia do esforço pessoal ou espiritual a ser conquistada no cotidiano:

Embora os seres vivos sejam inumeráveis, eu me comprometo a salva-los. Embora meus desejos sejam inesgotáveis, eu me comprometo a me libertar deles. Embora os ensinamentos sejam ilimitados, eu me comprometo a aprendê-los todos. Embora o budismo seja inalcançável, eu me comprometo a atingi-lo. (SUZUKI, 1994, p.44)

Jesus, assim como Buda, resume sua síntese do caminho espiritual também no esforço humano, independente de graça ou recompensa divina. Jesus ordena amar a Deus e ao próximo, e Buda manda encontrar a felicidade extirpando os defeitos e prazeres mundanos. Jesus prega a devoção divina e humana, e Buda a purificação. Mas como ter devoção de qualquer espécie estando com a mente carregada de egoísmos, ganância, desprezo pelo próximo, orgias, irritação, angústias, medos, traição, vinganças, remorsos, traumas e mágoas? Nenhuma devoção, nem pelo Divino, nem pelo companheiro poderá existir sem uma disciplina de eliminação de todas essas distorções mentais. Não seriam então os dois caminhos, técnicas diferentes e complementares com o mesmo objetivo?

Jesus resumiu seu ensinamento em uma oração, e Buda em quatro. Isso indica que o Cristianismo prima pela simplicidade de conceitos, em quantidade muito menor que o Budismo. Só para se ter uma idéia, Buda ensinou 84.000 técnicas para a Iluminação.

3.3 Os mandamentos

Os mandamentos constituem as regras de conduta para as comunidades, o caminho moral e ético que deve ser seguido.

O Cristianismo adotou os mesmos mandamentos do Judaísmo, e estes permanecem em incrível semelhança, havendo diferenças diminutas, como por exemplo, a citação do amor de Deus no Cristianismo que é inexistente no Budismo; e a abstenção de drogas e álcool inexistente no Cristianismo. Embora o Budismo não coloque a devoção a Deus, evidencia a orientação de não desrespeitar as Divindades, quando exorta a não blasfemar.

São Mandamentos no Budismo: não matar, ser compassivo, dar e receber com generosidade, abster-se de drogas e álcool, na adulterar, ser casto, não mentir, não caluniar, não jurar, não blasfemar, não cobiçar, não invejar, purificar o coração da ira e aprender a verdade (KHARISHNANDA, 1998, p.99-159).

No Budismo temos mandamentos de conduta que não dizem respeito a verdades universais, como por exemplo, abster-se de álcool. Ora, exagerar no álcool é sem dúvida um grande empecilho no desenvolvimento espiritual como em qualquer outro desenvolvimento da vida, tais como trabalho, família e convívio social. Mas o Budismo estabelece abstenção total

devido os grandes prejuízos que provocam na mente para a prática da meditação, pois o álcool provoca uma grande agitação mental impedindo a concentração.

Já no Cristianismo temos: Amar a Deus sobre todas as coisas, não matar, não roubar, não adulterar, não caluniar, não cobiçar a mulher do próximo, não tomar o nome de Deus em vão, honrar pai e mãe, não jurar falso testemunho, honrar o próximo (Dt 5,1-21).

Todos os mandamentos do Cristianismo praticamente se aplicam a verdades universais, pois o objetivo Cristão é a simplificação de regras para a comunidade, em oposição às numerosas regras do Judaísmo.

3.4 Como tratar os inimigos

O Antigo Testamento dá pouco valor ao perdão contra os inimigos, ou mesmo nenhum valor, pelo rigor da Lei Judaica. A regra estabelecida é “Olho por olho, dente por dente”, e o perdão é aplicado apenas secretamente entre a pessoa e Deus: “Porque tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para com todos os que te invocam.” (Salmos 86,5).

Com o Cristianismo, se introduz a nova idéia do perdão aos inimigos: todos devem perdoar indefinidamente seus inimigos. Não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete (Mt 18,22), que metaforicamente, quer dizer ilimitado, sem contagem.

A idéia lançada por Cristo vai muito mais longe ainda, radical ao extremo: não só se deve amar seus inimigos (Mt 5,44), como também lhe dar a outra face quando agredido (Mt 5,39)!

E porque alguém faria tão grande esforço, amado os inimigos e oferecendo a outra face para a agressão? A explicação dada na Bíblia seria a recompensa celeste.

Não há mais explicações nas Escrituras para isso. Sem fundamentos que explicassem motivos sólidos que não envolvessem os lucros pós-morte, a filosofia do perdão Cristão tornou-se inócua e sem resultados, e o Cristianismo tornou-se cada vez mais intolerante e violento, não só deixando de perdoar os inimigos, mas enxergando inimigos em todos seus recônditos, seja nos fiéis das outras religiões (os pagãos), seja em alguns fiéis dela mesma (os hereges).

E que conceitos profundos poderíamos deflagrar dentro dos ensinamentos Cristãos no tratamento com os inimigos? Podemos encontrá-los em sua Irmã Oriental, o Budismo...

Como visto em itens anteriores, o Budismo *Mahayana* coloca como principal objetivo

a compaixão, e todo esforço depreendido pela compaixão acelerará rapidamente a cessação dos sofrimentos, único objetivo da vida. O *Dalai Lama* diz ainda que a compaixão é a forma de egoísmo mais inteligente, porque beneficiando os outros, estaremos beneficiando muito mais a nós mesmos.

No entanto, sem paciência jamais conseguiremos ter o mínimo de compaixão. A paciência é a grande chave, e sua conseqüência natural é o perdão (DALAI LAMA, 2001a, p.114).

Há um livro largamente utilizado e memorizado dentro do Budismo Tibetano, chamado “Guia para o modo de vida do *bodhisattwa*”, do filósofo budista indiano do século VIII, Shantideva. Enumera em oito capítulos as grandes vantagens da paciência, e os grandes malefícios do maior inimigo do ser humano: o ódio.

Para Shantideva e o Budismo, os inimigos são verdadeiros tesouros! Por quê?

Por quê o mais importante para um autentico Budista é a sua vida espiritual, mesmo que sua vida material se reduza a uma tigela e um manto. São os inimigos que irão dar a verdadeira fortaleza espiritual, nossos mestres em desenvolver a paciência, a virtude mais importante a ser adquirida. Através da paciência se consegue a concentração tão necessária para meditar; o perdão para acumular méritos; e a compaixão para acelerar a Iluminação. Então por que ter raiva dos inimigos se eles nos fazem tão bem?

A pessoa pode sentir raiva dos inimigos por que pensa que eles assim agem no propósito de prejudicar, no entanto não é bem assim. Ninguém possui uma independência de pensamentos e atitudes, tudo é interdependente. Se alguém procura prejudicar alguém, é por que existem situações, pessoas, desejos que o obrigam a fazer isso, que por sua vez são já são controlados por outros fatores que são controlados por outros (DALAI LAMA, 2001a, p.15-105). Por exemplo: alguém tenta tomar injustamente a propriedade de outra pessoa. Tal atitude pode ter origem no mau exemplo dos pais, em alguma injustiça cometida contra este, com a influência de uma outra pessoa, um desequilíbrio emocional, o desespero de ajudar alguém, etc e etc.

Então são fatores que regem outros, e o verdadeiro inimigo não é a pessoa que está sendo manipulada. Se alguém bate em outro com o porrete, de quem devemos sentir raiva? Da pessoa ou do porrete? Por que da pessoa, se a dor vem do porrete? Por que do porrete, se quem o manipula é a pessoa? Shantideva conclui que o grande inimigo é quem controla isso, o ódio. E seria burrice querer mudar os outros, infrutífero, pois: “O que é mais fácil: cobrir o mundo inteiro de sola, ou apenas nosso pés?” (DALAI LAMA, 2001a, p.27).

No entanto, existe uma raiva chamada de positiva, que é quando nos indignamos para ajudar os outros. Porém, deve-se meditar para ter controle sobre essa raiva, senão a pessoa nunca conseguirá atingir a concentração necessária pela ausência de paz na mente, dissipando seu caminho espiritual como uma tênue fumaça. Raiva positiva pode, mas não um “ódio positivo”, que já indica um completo descontrole.

Portanto, se o mais importante é o caminho espiritual, a paciência tem que ser conquistada, custe o que custe. A outra opção é bem mais desvantajosa: desistir do caminho de eliminação dos sofrimentos para rumar no materialismo, buscando tirar vantagens em cima dos outros, sofrendo com as angústias da mente, sendo massacrado pela pior conduta da podridão humana, e nunca conseguindo a felicidade, porque a vida se reduziu a uma busca incessante de satisfação dos desejos, vazia e inútil.

3.5 A fé

Qual seria a definição de fé? As definições são as mais ambíguas possíveis, indo da crença ao poder.

Estabelecer fé como crença seria um grande erro, um estratégia sectária para fidelização de prosélitos. Um grande reducionismo para uma das palavras mais ricas do Cristianismo, provavelmente com mais definições e exemplos do que no Budismo.

Assim, o líder religioso utiliza o termo fé para designar unicamente a crença no Cristianismo, que quando abandonado ou decidido mudar para outra religião, “perdeu-se” a fé. Ora, a pessoa deixou de ter interesse na espiritualidade? A outra religião escolhida não possui espiritualidade? Unicamente o Cristianismo possui fé e espiritualidade? E por que as maiores atrocidades da humanidade foram cometidas sob a égide de povos cristãos? Que fé tão exclusiva é essa que explora, tortura e mata o irmão?

Para não cairmos em termos sectários, poderíamos definir a fé como *o poder da comunicação com Deus*, e todas as demais conseqüências que isso possa acarretar.

Na maioria de suas curas milagrosas, Jesus dizia: “Tua fé te salvou!” Então ele se anunciava como um mediador, um receptor da mensagem de Deus para operar os milagres, mas ele por si próprio não o faria. A fé seria a grande condição para os milagres, uma fé gerada pelo arrependimento, pois sem o arrependimento não haveria as condições necessárias

para a comunicação divina e a manifestação do poder. Fé sem arrependimento torna-se também hipócrita. Reduz-se a crença e nada mais.

A definição de fé do Cristianismo retirou da pessoa a fonte do poder mágico, que a exemplo dos magos egípcios, conseguiam fazer encantamentos através de seus treinamentos e ritos (Ex 7,22), vangloriando-se e considerando-se superiores, acima da Divindade. O poder mágico agora só pode vir da fé, da sua comunicação e submissão ao Divino, e sem esta, nada pode ser feito: “Disse-lhes ele: Por causa da vossa pouca fé; pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele há de passar; e nada vos será impossível. “(Mateus 17,20).

No Budismo tibetano, a fé também é um grande poder devocional, imprescindível para o caminho. No entanto, essa fé deve ser direcionada para um Mestre, pois é ele que irá lhe dar inspiração e conhecimento para seu trabalho espiritual. Enquanto a fé no Cristianismo Católico é direcionada para a Trindade ou os Santos, no Budismo é devotada aos Budas, *Bodhisattwas* e para o Mestre espiritual, o guru.

Se a confiança não for extrema no Mestre espiritual, o discípulo não poderá ir longe no caminho. Se a fé que tem é de apenas de aluno-professor, o máximo que conseguirá é ser professor. Se a fé entre um discípulo e um Buda, pois vê o mestre como o próprio Buda, então o discípulo terá contato com o Buda.

Enquanto a fé do Cristianismo é incorpórea, a do Budismo é física e corpórea.

Porém, a fé Budista deve ser inteligente, racional, analisando se o guru realmente é capacitado para tamanha fé (DALAI LAMA, 2001b, p. 73-74 e 103). Deverá ser uma pessoa íntegra, ética, compassiva, e possuir realizações espirituais, como por exemplo, conquistas na meditação, facilitação em fornecer experiências aos discípulos, conhecimentos das ilusões mentais, e atitudes genuinamente compassivas. Pois do contrário será “cego guiando cego”, e o discípulo não irá longe, conforme prenuncia Cristo:

Deixai-os; são guias cegos; ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão no barranco. (Mateus 15,14).

Porque hão de surgir falsos cristos e falsos profetas, e farão grandes sinais e prodígios; de modo que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. (Mateus 24,24).

Jesus amplia ainda os problemas dos falsos Mestres apontados por Buda. Buda aponta que um Mestre ou professor qualificado deve ter realizações espirituais, mas Cristo adverte que também os falsos instrutores conseguem produzir grandes prodígios, podendo então confundir os aspirantes que esses prodígios são realizações espirituais, deixando-os em um

completo labirinto.

De que forma então Cristo ensina a resolver essa confusão? Através da convivência, pois só através dela é que poderá se observar os frutos produzidos por esses Mestres, pois só a árvore boa produz bons frutos (Mt 7,17).

3.6 A importância do esforço pessoal

Qual o critério para um Cristão receber suas recompensas celestes? A graça divina baseada na fé, ou o esforço pessoal?

Dessa questão polêmica, muitos cismas foram alimentados entre Católicos e Protestantes. Algumas linhas Protestantes afirmam categoricamente que o principal é a graça divina, independente da conduta que tenha a pessoa. Este é um conceito perigoso, pois pode justificar e desenvolver a própria preguiça, irresponsabilidade e hipocrisia dentro do ser humano, bastando que freqüente os cultos e faça suas doações à Igreja!

“Fora da Igreja, que cometam os piores desatinos que serão sempre perdoados... Mas não abandone a Igreja, senão o fogo ardente o consumirá!” Assim poderia pensar qualquer crítico ou líder religioso mercantilista.

No entanto, analisando vários trechos das escrituras Cristãs, podemos asseverar fortemente que não é assim. Admitir que o esforço pessoal é insignificante diante da graça divina seria aniquilar o próprio sentido puro da religião, e ir contra a própria humanidade. Mesmo porque, quem poderá assegurar que é digno da graça divina? Assegurar-se-á em algum trecho Bíblico? Por que seria digno da graça divina um estuprador, assassino, falsário, estelionatário que não mudou sua conduta?

Há trechos Bíblicos que são bastante incisivos quanto à prática do esforço pessoal, por exemplo, amar os inimigos e orar pelos que perseguem (Mt 5,44). Existiria um esforço maior do que o perdão a um inimigo que não se arrepende?

Outro trecho mais claro sobre o esforço pessoal está contido na parábola dos talentos. Jesus ensina que o servo que recebeu talentos, e não os usa para dar lucro ao seu patrão, é um servo indigno e deve ser lançado às trevas exteriores (Mt 25,14-30). No caso, os talentos foram uma metáfora a uma moeda da época, mas na tradução encaixa-se literalmente nos talentos que indicam qualidades, virtudes, dotes que devem ser desenvolvidos, pois este é o principal objetivo da vida e das próprias religiões: desenvolver o ser humano de forma total, a fim de aproximar-se do Divino. E sem o sacrifício e esforço não é possível esse

desenvolvimento, pois para ser dado é necessário pedir; e para entrar tem que bater na porta (Mt 7,7).

O discurso não pode estar alijado da prática. E para seguir os passos de Jesus é necessário tomar a cruz do sacrifício, e pôr suas palavras em prática para ter uma vida espiritual segura, uma casa com fundação na rocha (Mt 7,24).

Conclui-se com estes trechos que a prática é mais importante que as palavras, que estas se tornam vazias sem uma vida adequada. Tornam-se unicamente mentiras e hipocrisias. Onde está a graça de um hipócrita?

Purificar-se para receber a graça divina não é algo considerado errado no Budismo, mas não é citado, pois o Budismo enfatiza a luta pelo sacrifício de si mesmo, o trabalho de lapidação dos defeitos e desejos para acabar com os sofrimentos dos outros, e assim também acabar os seus, já que somos todos dependentes uns dos outros.

Um Budista não almeja recompensas. Almeja unicamente conseguir acabar com os sofrimentos de todos, pois ele não diferencia Deus das pessoas, dos animais, das plantas, das pedras, dos mosquitos, das baratas, dos ratos ou de qualquer outro ser. Tudo é Deus, tudo deve ser respeitado, e todos devem ser ajudados a encerrarem seus sofrimentos e se liberarem. E a única forma de conseguir isso é adotar uma disciplina mental livre do ódio, luxúria e intenções nocivas (DALAI LAMA, 2001b, p.17).

Para o Budista, esses méritos não chegam nem sequer a ser uma recompensa, mas uma consequência natural para a Iluminação, assim como beber água mata a sede.

A grande ênfase dada nas recompensas celestes pelo Judaísmo e Cristianismo, parece ser uma linguagem dirigida a povos de tradições comerciantes, em que todo passo é medido através do lucro que se vai ter. Para grandes lucros, grandes passos devem ser dados, mas se o lucro é pequeno, só um pequeno passo é necessário. O pensamento oriental é diferente.

Contam que um grande Mestre tibetano, Geshe Chekawa, difundiu uma prática para desenvolver a compaixão, chamada de prática “Dar e receber”, tornando-se um grande especialista nesta. Através dessa prática, a pessoa medita imaginando dar tudo que possui de mais precioso, e receber tudo de negativo dos outros, seja dor, prejuízos, angústias, medo etc. Isso com o propósito de eliminar a noção do eu e desenvolver a compaixão. Chekawa desenvolveu tanto a compaixão, que confidenciou a seus discípulos perto da hora de morrer, que havia tido visões que renasceria em locais celestes, mas que seu desejo era renascer em locais infernais para poder ajudar as almas agonizantes, e pediu que orassem para que ele renascesse assim, tamanha era a força de vontade em ajudar os outros, mesmo que fossem

incorpóreos, mesmo que fossem demônios (DAS, 2001, p.168-170).

Assim pensa o budismo da linha *Mahayana*: nada de lucro, nada de recompensas, nada de eu. Apenas o altruísmo, nem que para isso a pessoa sofra e passe misérias.

Essa disciplina é adquirida através de um esforço constante para observar profundamente os pensamentos no dia a dia e na meditação. O convívio com as pessoas é extremamente valioso para se estudar na meditação, pois sem esse convívio não seria possível desenvolver a compaixão, o estado mais elevado da mente e que conduz mais rapidamente à Iluminação.

Ter compaixão é cuidar de todos os seres, estar atento a todos, seja uma formiga que está prestes a ser pisada, seja uma planta que precisa de água, seja uma pessoa que precisa de consolo. Esta é a força espiritual do Budismo reformado, o Budismo *Mahayana*, onde a principal meta é desenvolver um estado altruístico da mente que tenha a finalidade de se iluminar para beneficiar todos os seres (DAS, 2001, p.43). Ou seja, a compaixão vem como prioridade em relação à Iluminação.

O esforço deve ser tão grande, que para se gerar um estado de compaixão perfeito, a pessoa deve extirpar de si todo traço de egoísmo, preocupando-se exclusivamente com os outros. Deve esquecer o seu próprio “eu”. O “eu quero”, “eu exijo”, “eu não admito”, “eu te odeio” devem ser mortos para o bem de todos os seres, pois o próprio eu não existe. A compaixão é um estado de fortaleza mental, que permite atrair forças ocultas no âmago humano para ajudar os outros, enquanto que o egoísmo gera fragilidades mentais, depressões, distúrbios e doenças psicossomáticas, retirando o próprio ânimo de viver.

Isso para um ocidental pode aparentar muito complicado, pois essa é a complexa doutrina do *Vazio* Budista, mas dentro dessa doutrina de negação com o eu há uma íntima relação com o um famoso trecho Bíblico de Mateus: “Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, *negue-se a si mesmo (...)*” (Mateus 16,24).

Quando alguém nega-se a si mesmo, destrói sua concepção de eu, não havendo mais um “meu corpo” com o que se tenha tanto apego. Se tem apenas um veículo de osso, sangue, carne e órgãos para ajudar os outros, não importa se esse veículo sofra maus tratos e violências em nome de uma missão maior de ajuda humanitária. Mas fazer o veículo corporal sofrer por um capricho pessoal ou financeiro (esportes, espetáculos, desafios da mídia) ou negligência é um grande equívoco, em que se afirma tenazmente a egolatria e mostra que não houve a negação de si, ou do eu. Também não existe mais um “minha vida”, “minha honra” ou “meus orgulhos”, mas apenas uma série de atitudes sensíveis que buscam a felicidade do

outro radicalmente e por muito tempo. Existe apenas o cumprimento do dever.

Não ligar para o conforto do corpo nem para o risco de ser um fracassado materialmente e socialmente, em prol de uma mudança espiritual profunda, consistente e duradoura de todo um planeta, não seria a própria vida do Cristo? Que outro exemplo tão marcante teríamos de alguém que negou a si mesmo, deixando-se voluntariamente ser execrado publicamente e logo após, assassinado lentamente?

Negar a si mesmo não poderia ter outra conotação que não guarde semelhança com a Doutrina do *Vazio*. Nenhuma religião poderia sobreviver sem a negação de si mesmo dos seus fiéis, negando seus interesses pessoais em prol da comunidade.

Por quê Vazio? O Vazio seria a completa ausência de sofrimentos, e isto não pode acontecer se existe uma separação entre o “eu” e o “outro”. Sempre que existir essa diferenciação, o “eu” sempre irá querer o melhor para si, considerar-se o mais importante, e cedo ou tarde, irá prejudicar o outro. A compaixão ensina a dar mais importância ao outro, estar sempre atento se ele está sofrendo. Dessa forma, atingindo-se o mais alto grau da compaixão, vê-se que nossa felicidade depende da felicidade do outro, que somos todos interdependentes, que temos que estar sempre focados no outro e esquecidos do eu. Esquecidos do eu, vemos que o eu não existe, e então não teremos mais sofrimento, pois não há mais um corpo ou sentimento que reclame conforto.

No Sermão da Montanha, Cristo define os possuidores dos céus como os humildes de espírito (Mt 5,3). Em outras versões bíblicas, a tradução define como “Pobres de espírito”. Tal assertiva vem a configurar como pessoas vazias de arrogância, orgulhos, vaidades, exigências e idéias pré-concebidas. Seriam os humildes de espírito as pessoas simples, inocentes, vazias de maldade, mas não vazias de inteligência, pois isto significaria os “santos tolos”. Vazias de uma inteligência que cria para destruir, mas ricas em uma inteligência que pratica o viver no momento presente, resolvendo cada problema em seu devido tempo, sem preocupar-se com o futuro e sem guardar mágoas do passado. É o viver desperto, sem pensar, sem lembrar, sem projetar. O autêntico não-pensar.

Se formos vazios do eu, seremos o próprio Vazio, a própria ausência de angústias e dramas. Esta é a doutrina.

3.7 Crítica à vaidade

Grande importância é dada à crítica da vaidade nas escrituras cristãs e budistas. A

vaidade representa o mais puro materialismo, em que a vida centra-se em si próprio, nos seus prazeres, egoísmos, egolatrias, orgulhos, poder e riquezas. Tudo é eu, eu e eu. Finda-se assim a vaidade como a grande oposição do caminho espiritual, que se sustenta no altruísmo, sacrifício, devoção, fé e partilha com o próximo. Ou se é vaidoso, ou se é espiritualista. Nunca os dois.

No livro de Jó, a vaidade eiva-se como o fracasso na vida espiritual, pois Deus não ouve os gritos da vaidade (Jó 35,13); nos Salmos e Eclesiastes a vaidade retira o objetivo final da vida, provocando uma grande perda de tempo na estadia física.

Que grande objetivo de vida é este? Por que grande perda de tempo? Se para a Bíblia o grande objetivo de vida é o caminho espiritual, a vaidade seria o afastamento dela por alimentar em demasiado a egolatria, ou em termos tibetanos, o “eu”. Alimentar a egolatria estende a uma concepção de superioridade ao Divino, pois o homem é para si próprio o principal foco de vida.

Para Jesus, as boas obras não devem ser feitas diante dos homens, pois assim não se receberá a recompensa celeste. Dar esmolas e orar com alarde é típico dos hipócritas, que desejam receber glórias humanas (Mt 6,1-5).

Da mesma forma, Buda exorta seus discípulos a não se vangloriarem de suas virtudes ou nenhuma qualidade sobre-humana, pois assim ficará envaidecido, alimentando o egoísmo e tirando proveito pessoal (KHARISHNANDA, 1998, p.99-100).

Todo o cuidado que Jesus e Buda tiveram em alertar seus discípulos para não se envaidecerem com suas obras, é com o objetivo primordial para que continuem sempre a crescer espiritualmente. No entanto, se a vaidade engrandece, a noção de superioridade e busca de prazer terminarão em encerrar as atividades espirituais, provocando o fracasso de todos.

No caminho espiritual tem que se lutar contra a egolatria. Eu e Espírito são totalmente incompatíveis.

3.8 A concepção de Deus

Muitos escritores ocidentais e até orientais concebem o Budismo como ateu. A que Budismo referem-se, já que são várias as correntes? O Budismo tem como uma de suas características mais peculiares, adaptar-se às mais diferentes culturas sem esmagá-las, mesclando-se entre si. Assim temos correntes das mais devocionais, com o Budismo

Tibetano, até as correntes mais pragmáticas e impessoais, como as escolas Zens. Some-se a isso também as diferenças de linguagem, regiões, épocas, costumes e concepções entre orientais e ocidentais.

A concepção de Deus dentro do Cristianismo também não é das mais simples. Embora reforme o judaísmo transformando-se em uma nova religião, o Cristianismo não abole uma só vírgula de seus ensinamentos, mas os amplia e simplifica ao mesmo tempo. Assim temos as concepções mais impessoais e indefiníveis para Deus; como também as pessoais, esboçadas no caráter do próprio Cristo; e outras que tramitam entre a pessoalidade e impessoalidade, como a Trindade em Um só Deus. A definição da Pessoalidade e Impessoalidade de Deus é brilhantemente definida por Sri Ramakrishna, um grande reformador do Hinduísmo no Século XIX. Ramakrishna acaba com o preconceito existente esclarecendo que ambas as visões são devoções autênticas, pois satisfazem a níveis de intelecto diferentes. Os devotos do Deus Impessoal normalmente são pessoas mais intelectualizadas e praticantes de disciplinas espirituais reflexivas, e os devotos do Deus Pessoal são as pessoas mais simples, que necessitam de quadros, imagens e gravuras para direcionarem sua fé, o que seria muito difícil sem uma imagem para adoração. De forma alguma poder-se-ia considerar a devoção ao Deus Impessoal ou Sem Forma, superior à devoção ao Deus Pessoal ou com Forma, pois Deus sabe perfeitamente que “ambos chamam pelo Seu Nome.” (ABHEDANANDA, 1995, p. 25-42)

As semelhanças entre o Budismo e o Cristianismo entram tanto no aspecto pessoal como no aspecto impessoal de Deus.

No Cristianismo encontramos a concepção impessoal de Deus em pelo menos dois livros: Êxodo e Apocalipse.

No Êxodo, Deus apresenta-se a Moisés sem definição de nome, com nuances de Impessoalidade:

Então disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome”? Que lhes direi? Respondeu Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos olhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.(Êxodo 3,13-14).

No Apocalipse sua definição se estende do início ao fim, quando utiliza a 1ª e a última letra do alfabeto grego, revestida de extremo poder: “Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Apocalipse 1,8).

Para Buda, Deus é algo impessoal, e não se interessa em defini-Lo como Criador, Sustentador, Reformador ou qualquer outro atributo usado muito no Hinduísmo. Seu

desinteresse teológico nestas discussões é completo, não significando dizer que O negue: “Além da morada de *Brahma*, há um poder estável e Divino, existente antes do princípio e não terá fim.” (KHARISHNANDA, 1998, p.87).

No século de Buda, o politeísmo Hindu já dava sinais de mercantilismo com seus inúmeros Deuses, em que o povo vivia de rituais com o objetivo de adquirir recompensas, sejam elas materiais ou espirituais. Por isso, Buda para inovar e satisfazer a sede espiritual do povo de uma forma sólida, baniu de seus ensinamentos toda especulação teológica, tornando-se nesse ponto um extremo ao Hinduísmo com seus incontáveis Deuses. Dessa forma, mostrava-se muito claramente como uma nova religião totalmente diferente, diferente na aceitação social e na concepção teológica. Deus passa a ser chamado também de “Mente Grande”, uma mente perfeita, aberta, observadora, compassiva, natural e sem sofrimentos (SUZUKI, 1993, p.42). Derrotar a nossa mente pequena seria extirpar todos os traços de erros e egoísmos, podendo então unir-se à Mente Grande, à Grande Perfeição Natural.

Séculos mais tarde o Budismo sofreu grandes mudanças com a sua introdução no Tibet.

Entrando no campo da devoção a um Deus pessoal, temos a grande devoção aos santos do Catolicismo, que em muitos casos é mais fervorosa que a adoração ao Pai ou a Jesus. Da mesma forma procede-se no Budismo Tibetano, com sua devoção por seus santos ou Mestres, chamados de *Bodhisattwas* (seres que firmaram o compromisso de viverem apenas com o propósito de ajudar os outros). A devoção ao mestre é algo comum no Oriente, em que os fiéis sempre procuram um Mestre e praticam com ele o tempo necessário, mas sempre observando se os Mestres obedecem as regras de moral, ética e realização espiritual.

Dentro da seara da Trindade Cristã, o Budismo, após os acréscimos advindos das terras Tibetanas, passou também possui a sua própria Trindade, composta por seres vindos do *Vazio* (não nascidos), e seres humanos que se santificaram com seus esforços pela humanidade, os *Bodhisattwas*.

São o *Adi-Buddha*, *Dhyana-Buddhas* e *Dhyana-Bodhisattwas* (PIAZZA, 1991, p.302)

Adi-Budha é o Buda primordial, ou Buda Cósmico, sem começo nem fim, nascido do *vazio*; Deste Buda Único, se produz pela autoconsideração de si mesmo a segunda categoria da Trindade: os *Dhyana-Buddhas*, formada pelos Cinco Budas da Contemplação: Vairochana, Vajrasattwa, Ratnasambhava, Amitaba e Amoga-sidi (SAMDUP, 2003, p.26). Estes cinco Budas produzem por auto-reflexão os *Dhyana-Bodhisattwas*, os *Bodhisattwas* da Contemplação, que atuam no mundo dos fenômenos para Iluminar a humanidade. Já foram

quatro as manifestações dos Bodhisattwas da Contemplação: Avalokiteshvara, Amitabha, Manjushri e Sakiamuni, o Sidarta Gautama.

Portanto, vemos a semelhança que há entre Cristo sendo a 2ª Pessoa da Trindade Cristã, e Buda pertencendo a 3ª Pessoa da Trindade Budista, embora a Trindade Budista tenha uma complexidade um pouco maior para as concepções ocidentais arraigadas de dogmas.

Podemos ainda nos debruçar sobre a semelhança dos “auxiliares de Deus” no Catolicismo com o Budismo, os santos. Santos são os mártires que a Igreja beatificou, e estão sempre prontos para beneficiarem os devotos que lhe oram.

No Budismo Tibetano, temos inúmeras Divindades, sejam elas Pacíficas ou Iradas. As Divindades Pacíficas ajudam e orientam os seres a desenvolver as virtudes, e as Iradas testam com seu aspecto e atitudes coléricas os defeitos, tais como o medo e a ira.

As Divindades Iradas possuem um papel especial na hora da morte da pessoa. São elas que testam o grau de desenvolvimento espiritual do discípulo, se este conseguiu extirpar as ilusões de sua mente e desenvolvido as virtudes. Por isso elas se apresentam com aspectos demoníacos, desagradáveis. Caso o discípulo tenha tido uma grande disciplina espiritual em vida, permitindo que consiga manter a estabilidade da mente nesses momentos de provação pós-morte, ele poderá Iluminar-se ou renascer em locais celestes (SAMDUP, 2003, p.74-91).

CONCLUSÃO

Vimos as semelhanças básicas entre duas religiões de épocas, culturas, hemisférios, linguagens e fundadores diferentes, mas mesmo assim irmãs.

Expôr que estas religiões possam contribuir uma com a outra pode soar como a mais pura blasfêmia para seus estudiosos mais fervorosos, não só no Cristianismo, a religião dos impérios e da dominação mundial, mas também dentro de certos grupos sectários budistas.

Muitas críticas são lançadas ao Cristianismo devido sua expansão proselitista mundial, sua falta de exigências, seu alinhamento omissivo com governos descomprometidos, seus erros do passado e seus bilhões de adeptos, cuja maioria não pratica com profundidade seus ensinamentos. Mas isto é algo mais ou menos natural para uma religião que se tornou a maior do planeta. O que não é natural é ela se fechar em si mesma, e não avançar em passos decisivos rumo ao Ecumenismo.

Ecumenismo é uma palavra de sérias restrições entre os meios teológicos, especialmente os protestantes. Muitos teólogos advertem que pode haver respeito entre as religiões, mas jamais compartilhamento de doutrinas. Há um temor muito grande de perda de fiéis, assim como uma empresa ou país teme a perda de investimentos, ou a fuga de capital.

Há ainda o temor que se formem opiniões sobre a superioridade de uma religião sobre a outra. Seria o Budismo superior ao Cristianismo, já que aquele possui um cabedal de teorias mais complexas, ou seria o Cristianismo superior justamente por sua simplicidade? Estes seriam pontos fatais que impediriam por completo uma interação religiosa ecumênica.

Partamos do ponto da inexistência de superioridade de religiões. Com certeza, dos dois bilhões de Cristãos no mundo, a grande maioria ao conhecer com mais profundidade o Budismo não acenaria mudar de Religião, nem consideraria uma religião superior por possuir conhecimentos mais complexos. Isto porque o que motiva as pessoas a praticarem religião não é o seu cabedal de conhecimentos ou especulações, mas sim a INSPIRAÇÃO

RELIGIOSA que nelas provoca! Para muitos, uma meditação sobre a vida de Buda não lhe provocaria muita emoção e motivação, mas meditar e imaginar sobre os sofrimentos de Cristo poderiam lhe provocar fortes lágrimas. Não é possível outra conclusão, quando alinhamos o livro de Mateus com o Evangelho de Buda por Kharishnada (1998), harmonizados brilhantemente pelo Padre Piazza (1991).

E é exatamente por essa ausência de Inspiração que se muda de religião. Quando, por exemplo, não se têm mais emoções ou não se satisfaz com os conceitos do Catolicismo, muda-se para o Protestantismo, ou para os Ortodoxos, ou para os Espíritas, Hindus, Budistas etc.

Se sua religião não é mais capaz de provocar arroubos místicos ou impulsos de melhoria individual, é porque talvez você possa estar necessitando renovar o entendimento sobre a sua religião, ou, sendo mais radical, deva participar de um novo grupo religioso mesmo.

Muito embora tenha sido contundente nas críticas ao Cristianismo e Judaísmo, cabe enumerar que estas só cabem em determinadas épocas e grupos isolados, pois o Cristianismo também absorve em seu seio as mais primorosas formas de devoção humana, como a vida e o trabalho de Francisco de Assis; da Madre Teresa de Calcutá; as autênticas devoções do povo em Canindé, Aparecida do Norte, Fátima na Itália, Santiago no Chile e tantas outras manifestações, com seus sacrifícios, caminhadas, procissões e arrebatamentos de fé das pessoas mais humildes e sinceras... Seria insensato generalizar uma religião extremamente heterogênea em seus dois bilhões de fiéis.

Creio que dessa forma, explanando as pesquisas e reflexões a respeito do Sincretismo, da Negação de Si Mesmo, da Compaixão, do Teísmo Budista, e de todas as semelhanças entre o Oriente e Ocidente, ter contribuído com mais uma vírgula na aproximação Ecumênica das religiões no mundo.

Na guerra do Iraque, o ódio que os soldados americanos mostravam contra os muçulmanos tinha origem religiosa. Tudo por que eles crêem em Alá, que nós não cremos. Há séculos atrás, o motivo para as tribos bárbaras usarem da mais extrema crueldade com os inimigos era o uso de drogas, pois estando conscientes de si não conseguiriam tamanha perversidade. Hoje, basta adotar uma religião diferente para que a selvageria do inimigo ultrapasse os limites da guerra.

Diferenciar e menosprezar religiões é guerra, é morte. E não precisamos mais disto, se queremos ainda deixar algo para nossos descendentes.

GLOSSÁRIO

Arhat – ser que conseguiu a suprema liberação, o Vazio. Comparável aos anjos do Cristianismo e Judaísmo.

Bardo – Dimensões da natureza ou da mente, podendo indicar o plano físico, o mundo dos sonhos, os mundos infernais, o paraíso e a pós-morte.

Bodhisattwa – ser místico que trabalha incondicionalmente para dissipar o sofrimento de todos os seres do Universo, dando sua vida e tudo que possui em nome da compaixão. Comparável aos Santos do Catolicismo.

Brahma – Deus supremo dentro da religião politeísta da Índia, o Hinduísmo.

Carma – doutrina oriunda do Egito antigo, segundo a qual todos os maus feitos das pessoas são anotados pelas Divindades e gerados castigos, seja na própria existência ou na seguinte. O carma é uma forma de remédio para que não se cometam os mesmos atos novamente. Tal doutrina é largamente estudada no Hinduísmo e Budismo.

Dalai Lama – chefe político do Tibet, e chefe espiritual da seita Tibetana chamada Gelug, uma das quatro principais. Significa “Oceano de Sabedoria”. Vive hoje exilado na Índia, devido a invasão comunista chinesa em seu país. Dedicou-se a difundir o Budismo, a manter um diálogo ecumênico entre as religiões, e a buscar a paz no mundo, o que lhe rendeu o Prêmio do Nobel da Paz em 1989.

Hinayana – Pequeno veículo. É o budismo ortodoxo, que não permite novos textos além dos

discursos de Buda, mas apenas interpretações. Sua essência é a meditação e os votos monásticos para atingir a liberação dos sofrimentos. Seus Mestres recebem o título de *Swami*.

Impermanência – doutrina Budista da transitoriedade de todos os fenômenos, em que tudo nasce e morre. A impermanência impregna de sofrimento tudo o que existe, sendo então ilusório e imaturo o apego a qualquer coisa que se dissipará com o tempo. As reflexões e meditações sobre a Impermanência enfocam a imaginação na morte da própria pessoa e dos seus entes queridos, como forma de ver que tudo é um ciclo natural, para fazer nascer uma fortaleza dentro da pessoa que não permita que ela se desespere quando acontecer a morte de alguém próximo, ou de sua própria morte.

Lama – Mestres espirituais do Budismo Tibetano. Quando os discípulos são reconhecidos como Reencarnações, recebem o título de *Tulku*. Quando são reconhecidos como reencarnações de grandes Mestres do passado, recebem ainda o título de *Rinpoche*.

Mahayana – Grande Veículo. É o Budismo reformado, provavelmente por influência do Cristianismo no Século I. Adota a aceleração da liberação, através da renúncia à sua libertação pessoal em prol de todos os seres do universo. Configura o amor e a ajuda permanente ao próximo como superior ao afastamento monástico da sociedade.

Mantran – palavras sagradas que produzem poderes quando pronunciadas repetidamente. São utilizados na língua Tibetana, ou em Sânscrito.

Nirvana – estado de cessação dos sofrimentos, ou o paraíso celeste.

Tantrismo – Religião oriunda da Índia, com rituais secretos revelados apenas aos Iniciados. Utiliza ritos mágicos, mantras, meditações e também a energia sexual. Difundiu-se entre várias religiões, como o Hinduísmo, Budismo e Gnosticismo. Originariamente, a prática sexual chamada de *maithuna*, só podia ser praticada por casais de união estável, mas depois surgiu a vertente chamada *Tantrismo da Mão Esquerda*, que pregava as práticas de união sexual entre quaisquer pessoas, tenham vínculos ou não, provocando o repúdio e desprezo da sociedade pelos Grupos Tântricos, diminuindo muito seus adeptos, a ponto de quase extingui-los.

Rinpoche - Mestres espirituais do Tibet, considerados reencarnações.

Samsara – Ciclo de reencarnações que a pessoas estão submetidas enquanto possuírem dívidas a pagar com a humanidade.

Swami – Título dado a Mestres espirituais no Hinduísmo e Budismo da linha ortodoxa. São na grande maioria das vezes monges que estabeleceram votos de pobreza e castidade.

Vajrayana - Veículo de Diamante. Desenvolvido no Tibet, sob a influência do Tantrismo na Caxemira, Índia e da religião original do Tibet, a religião Bon. Utiliza a premissa Mahayana de amor ao próximo como fundamental, mas acrescenta ritos mágicos para auxiliar no caminho da liberação.

Vazio – Estado de completa ausência de pessoalidade, em que não se diferencia o eu e o outro. Todos são um, e o um é tudo. É o desenvolvimento da autêntica compaixão, indicando a autêntica e não-transitória felicidade, ou o estado da suprema Iluminação. Estado ou região superior ao *Nirvana*.

BIBLIOGRAFIA

ABHEDANANDA, Swami. **O Evangelho de Ramakrishna**. São Paulo: Pensamento, 1995.

ALMANAQUE Abril. São Paulo: Abril, 2004 .

BÍBLIA SAGRADA. Mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica), pelo Centro Bíblico Católico. 64. ed., São Paulo: Ave Maria, 1989.

BOFF, Leonardo. **Igreja, Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1982.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

DALAI LAMA. **A Arte de Lidar com a Raiva**: o poder da paciência, tradução de A. B. Pinheiro de Lemos da tradução Para o inglês de Geshen Thipten Jinpa, Rio de Janeiro: Campus, 2001a.

DALAI LAMA. **O Caminho da Felicidade**: um guia prático aos estágios de meditação. Tradução de Bazan Tecnologia e Lingüística Ltda. 1. Ed., 4. imp., Rio de Janeiro: Agir, 2001b.

DAS, Surya. **O Despertar do Buda Interior**: Oito etapas para a iluminação: Sabedoria tibetana para o ocidente. Tradução de Anna Lobo, Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DHARMANET. **Perguntas e Respostas sobre os Buddhistas**. Disponível em <<http://www.dharmanet.com.br/zen/huangpo.htm>>. Acessado em 15 set. 2005.

FERRETTI, Sergio. **Repensando o Sincretismo**, São Paulo/São Luís: EDUSP/ FAPEMA, 1995.

HANH, Thich Nhat. **Vivendo Buda, Vivendo Cristo**. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

KERSTEN, Holger. **Jesus Viveu na Índia**, tradução de Cecília Casas. São Paulo: Best Seller, 1988.

KHARISHNANDA, Yogi. **O Evangelho de Buda**. São Paulo: Pensamento, 1998.

PAULI, Evaldo. **Enciklopedio Simpozio**. Disponível em <<http://www.simpozio.ufsc.br/Port/1-enc/y-mega/mega-filosgeral/filosofia-religiao/7270y003.html>>. Acessado em 15 set. 2005.

PIAZZA, Pe. Waldomiro. **Religiões da Humanidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

PROFETAS ou Malucos? ISTOÉ online. Reportagem de 16/04/1997. Disponível em <<http://www.terra.com.br/istoe/politica/143729.htm>>. Acessado em 27 set. 2005.

RINPOCHE, Sogyal. **O Livro Tibetano do Viver e Morrer**: tradução de Luiz Carlos Lisboa – São Paulo: Talento : Palas Atenas, 1999.

ROHDEN, Huberto. **A Metafísica do Cristianismo**. 4. ed., São Paulo: Martin Claret, 1990.

SAMUEL, Albert. **As Religiões Hoje**. Tradução de Benoni Lemos, São Paulo: Paulus, 1997.

SAMDUP, Lama Kazi Dawa. **O Livro dos Mortos Tibetano: o Bardo Thodol**, São Paulo: Madras, 2003.

SHANTIDEVA. **O Caminho para a Iluminação — Bodhicaryavatara**. Coleção Espiritualidades, série Budismo, sob a direção do Ogyen Kunzang Chöling. Tradução para o português por Filipe Valente Rocha e outros praticantes da escola do Budismo tibetano Ogyen Kunzang Chöling. Lisboa: Livros e Leituras, 1998.

SOCIEDADE das Ciências Antigas. **Vida e obra de Francisco de Assis**. Disponível em <<http://www.sca.org.br/biografias/bsfa16.htm>>. Acessado em 28 set. 2005.

SUZUKI, Daisetz. **Introdução ao Zen-Budismo**. 9. ed., São Paulo: Pensamento, 1993

SUZUKI, Shunryu. **Mente Zen, Mente de Principiante**. Trad. de Odete Lara. 5. ed., São Paulo: Palas Athenas, 1994.

TARANATHA. **O Rosário de Ouro**. Sítio do Centro de Budismo Tibetano da Tradição Sakya no Rio de Janeiro. Tradução para o inglês atribuída ao Ven. Sakya Lama Korchen Tulku; tradução em Português de Roger Samuel, em fevereiro do ano 2000. Disponível em <<http://www.geocities.com/sakyabr4/taranatha.html>>. Acessado em 27 set. 2005.

TOYNBEE, Arnold. **Constantino e Ashoka**. Sítio do Jornal Infinito. Disponível em <http://www.jornalinfinito.com.br/materias.asp?cod=124>. Acessado em 05 ago. 2005.